

Ser Assistente Social numa Escola: da Intervenção Social Resolutiva à Intervenção Socioeducativa

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira,
Mestrando – Miguel Marques

Leiria, setembro 2024

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS INSTITUTO
POLITÉCNICO DE LEIRIA

**Ser Assistente Social numa Escola: da Intervenção Social
Resolutiva à Intervenção Socioeducativa**

Miguel Ângelo da Silva Marques

Projeto apresentado à Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, para a obtenção do grau de mestre em Mediação Intercultural e Intervenção Social, sob a orientação do professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao Agrupamento de Escolas D. João I, a todos os elementos da Direção, à Diretora Professora Ana Horta, Subdiretora Magda Abelho, Adjunta Professora Marina Rodrigues, Adjunta Ana Malha por terem aceitado a implementação do meu projeto.

Um agradecimento a toda a equipa do Projeto PIV, Professora Maria José Alves, Professora Rosa Nogueira e Professora Sandrine Correia pela disponibilidade e ajuda que sempre demonstraram desde o primeiro dia da implementação do Projeto.

Agradeço às crianças/jovens por todos os ensinamentos de que considero ter usufruído de uma grande troca de saberes. Estas crianças são uma “força da natureza”, com muita vida.

Quero também agradecer ao Professor Doutor Ricardo Vieira por todo o tempo despendido, pelas palavras e concelhos nos momentos certos, mostrando sempre amabilidade para me ajudar.

Agradeço ao Coordenador do Curso, Professor Doutor José Marques por todo o apoio ao longo dos dois anos de Mestrado.

A todos os professores do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social com que tive a oportunidade de aprender e crescer. A eles, um grande obrigado por todos os ensinamentos e partilha de experiências

Por último, quero agradecer a todos que, de forma direta ou indireta, fizeram parte do meu percurso enquanto Assistente Social no Agrupamento de Escolas D. João I. O mestrado foi um percurso muito gratificante com altos e baixos, repleto de sacrifícios: com muitas lágrimas e sorrisos e algum cansaço. Este apoio foi fundamental para a concretização do mesmo, pois sem o mesmo teria sido mais complicado.

Aos meus queridos avós, Joaquim da Silva e Adélia Barrela, um imenso obrigado por todo o apoio, amor e por me terem proporcionado condições para atingir todos os meus sonhos e objetivos. Estarei eternamente grato.

À minha esposa que me acompanha desde o secundário, e que é um dos pilares da minha vida, que me ajuda, apoia, e que desde o primeiro momento esteve sempre ao meu lado, o meu muito grande obrigado. Nunca me esquecerei de todo o amor, “puxões de

orelhas” e conselhos que me deste desde o primeiro dia. Um agradecimento a esta mulher especial que carrega dentro dela a nossa filha, a Constança, que motivou ainda mais a finalização do mestrado.

Resumo

Esta dissertação de mestrado dá conta do trabalho desenvolvido ao longo de quatro anos, no Agrupamento de Escolas D. João I, tentando prevenir, colmatar e resolver alguns choques de cultura, tensões e problemas sociais entre alunos e entre famílias e escola. Sublinhamos da investigação alguns problemas mais marcantes, como é o caso de alguns comportamentos, e a atuação resolutiva das questões que têm vindo a surgir, para uma futura prevenção e uma modificação de olhares sobre as diferenças socioculturais. O aluno era visto como problemático e o projeto pretende que as comunidades educativas consigam olhar para o mesmo de uma forma diferente sem estigmatizar. Dá conta, também, de várias atividades interculturais, formações para os professores e funcionários, pois todos estes intervenientes são importantes para este panorama educativo complexo, tornando a escola diferente, uma escola mais inclusiva e não uma escola excludente e discriminatória.

A investigação que está presente neste relatório começou com um diagnóstico social e educativo, feito de forma mediadora, isto é, feito com os sujeitos, com os profissionais e com os pais daquela população estudantil. Mas esse diagnóstico, como refere Pérez Serrano, não é apenas uma etapa inicial, ele foi acompanhando o projeto ao longo das outras etapas. A partir do mesmo foram planificadas várias atividades de natureza intercultural como são o exemplo as ações de sensibilização sobre a importância da Empatia, Atividades Interculturais, Ações de formação de professores, Arraial no final do ano letivo.

O projeto fica em aberto para originar novos projetos. Fica em aberto uma vez que ele tem uma duração de quatro anos, e, portanto, só ao final desse tempo será possível tirar conclusões mais claras e fazer uma avaliação mais aprofundada. Assim, este projeto, depois de mostrar essas atividades, mostra, apresenta, deixa instrumentos e ideias para uma avaliação final a realizar no ano de dois mil e vinte e oito, ouvindo, de novo, os vários interventores.

Palavras-chave: Escola, Mediação Intercultural, Migração, Tensões, Conflitos.

Abstract

This master's thesis reports on the work carried out over four years at the D. João I School, trying to prevent, address, and resolve some cultural clashes, tensions, and social problems between students, as well as between families and the school. The research highlights some of the more significant issues, such as certain behaviours, and the resolution of emerging issues, with a view to future prevention and a shift in perspectives on sociocultural differences. The student was previously seen as problematic, and the project aims for educational communities to view the student differently, without stigmatizing them. It also reports on various intercultural activities and training sessions for teachers and staff, as all these stakeholders play a crucial role in this complex educational landscape, turning the school into a more inclusive environment, rather than an exclusionary and discriminatory one.

The research presented in this report began with a social and educational assessment, conducted in a mediating way, meaning it was carried out with the subjects, professionals, and parents of the student population in question. However, as Pérez Serrano points out, this assessment is not merely an initial step; it accompanied the project throughout its other stages. Based on it, several intercultural activities were planned, such as awareness-raising actions on the importance of empathy, intercultural activities, teacher training sessions, and a year-end festival.

The project remains open to inspire new initiatives. It remains open since it has a duration of four years, and only after that time will it be possible to draw deeper conclusions and conduct a more thorough evaluation. Therefore, after presenting these activities, the project provides tools and ideas for a final evaluation to be conducted in the year 2028, once again involving the various stakeholders.

Keywords: School, Intercultural Mediation, Migration, Tensions, Conflicts

Índice Geral

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Índice Geral	vii
Índice de Tabelas	ix
Índice de Imagens	ix
Abreviaturas	x
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - Da Escola D. João I e do Enquadramento Teórico e Revisão Conceptual	14
Caraterização da Escola	14
Revisão da Conceptual	23
Multiculturalidade na escola.....	23
Mediação Escolar; Choque de Culturas.....	25
Tensões e conflitos	28
Processo socioeducativo	29
CAPÍTULO 2 Diagnóstico Social do ambiente sociocultural da escola D. João I	33
CAPÍTULO – 3	51
Planificação das atividades Socioeducativas da equipa Multidisciplinar	51
Atividades em curso e propostas a serem desenvolvidas:	54
CAPÍTULO 4 - Aplicação-Execução: A intervenção socioeducativa e o desenvolvimento da Empatia nas Relações Interpessoais	56
CAPÍTULO 5 – Avaliação	59
EM BUSCA DE CONCLUSÕES	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
APÊNDICES E ANEXOS	72
APÊNDICES	72
Apêndice 1 - Consentimento informado para autorização do uso das entrevistas no relatório do projeto	72
Apêndice 2 - Guião de Entrevista às docentes do Agrupamento de Escolas D. João I	73
Apêndice 3 - Guião da Entrevista aos alunos do Agrupamento de Escolas D. João I	74
Apêndice 4 - Guião de entrevista a uma Encarregada de Educação do Agrupamento de Escolas D. João I	75

Apêndice 5A - Transcrição da entrevista à Subdiretora do Agrupamento de Escolas D. João I	76
Apêndice 5 B – Sinopse da análise à entrevista realizada à Subdiretora do Agrupamento de Escolas D. João I	80
Apêndice 6 A – Transcrição da entrevista a uma diretora de turma do 3º ciclo	85
Apêndice 6 B – Sinopse da análise da entrevista à diretora de turma do 3º Ciclo	87
Apêndice 7 A – Transcrição da entrevista à coordenadora de acompanhamento dos comportamentos.....	91
Apêndice 7 B – Sinopse da análise da entrevista à coordenadora de acompanhamento dos comportamentos.....	95
Apêndice 8 A – Transcrição da Entrevista à Coordenadora dos Diretores de Turma	98
Apêndice 8 B – Sinopse da análise da entrevista à coordenadora dos Diretores de Turma	101
Apêndice 9 A – Sinopse da análise da entrevista a uma professora do 1º Ciclo.....	105
Apêndice 9 B – Sinopse da análise da entrevista a uma professora do 1º ciclo	107
Apêndice 10 A – Sinopse da análise da entrevista à aluna Matilde Lima do Agrupamento de Escolas D. João I.....	109
Apêndice 10 B – Sinopse da entrevista à aluna Matilde Lima do Agrupamento de Escolas D. João I.....	111
Apêndice 11 A - Sinopse da análise da entrevista à aluna Kayana Barbosa do Agrupamento de Escolas D. João I.....	114
Apêndice 11 B - Sinopse da entrevista à aluna Kayana Barbosa do Agrupamento de Escolas D. João I	116
Apêndice 12 A - Sinopse da análise da entrevista a uma Encarregada de Educação e Presidente da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas D. João I.....	119
Apêndice 12 B - Sinopse da entrevista a uma Encarregada de Educação e Presidente da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas D. João I.....	122
ANEXOS.....	126
Anexo 1 – Fotografias da atividade da Empatia	126

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Países de proveniências dos alunos do Agrupamento.....	16
Gráfico 2 - Representação Continental.....	17
Gráfico 3 - Evolução de Alunos de Países PALOP.....	17
Gráfico 4 - Género dos Alunos.....	61
Gráfico 5 - Satisfação dos Alunos.....	62
Gráfico 6 - Relação da Turma.....	63

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Nacionalidades do Agrupamento de Escolas D. João I.....	15
Tabela 2 - Atividades Desenvolvidas pelo Projeto PIV.....	52

Índice de Imagens

Imagem 1 - Dinâmica com os alunos, Semana da Empatia, Fonte do Investigador	126
Imagem 2 - Construção de uma árvore da empatia, Semana da Empatia, Fonte do Investigador.....	126
Imagem 3 - Dinâmica com os alunos, Semana da Empatia, Fonte do Investigador	127

Abreviaturas

UC – Unidade Curricular

CAFAP – Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental

CLDS Moita – Centro Local de Desenvolvimento Social

SASE – Serviços de Ação Social Escolar

CLAIM – Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

TEIP – Território Educativo de Intervenção Prioritária

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PIV – Prevenir, Intervir e Valorizar

INTRODUÇÃO

Este trabalho final de mestrado, na área da mediação intercultural e intervenção social, desenvolve-se de acordo com a metodologia do trabalho de projeto que implica um trabalho com as pessoas e implica as próprias pessoas que neste caso são os professores, os alunos e respetivas famílias. Só assim se conseguirão fazer transformações no ambiente escolar e no ultrapassar de determinados problemas ligados ao racismo, à xenofobia, à violência doméstica, às discriminações, entre outros. O título “Ser Assistente Social numa Escola: da Intervenção Social Resolutiva à Intervenção Socioeducativa” de alguma forma, remete para a ideia de que a resolução pura e simples de cada problema que nos surge, semana a semana, num território educativo complexo como é este que caracterizamos a seguir não é eficaz. O título pretende chamar a atenção para o facto de para além da resolução, que por vezes tem de acontecer, e que corresponde a uma intervenção social paliativa (Vieira e Vieira, 2019), o trabalho social, o serviço social, a intervenção social, a pedagogia social na escola, etc., tem que ser essencialmente preventiva, mediadora e transformadora e, portanto, educadora, do ponto de vista da pedagogia social. Esta mediação e intervenção antecede as tensões, os choques de cultura que irei descrever à frente, conflitos e outros problemas sociais na escola.

Para esta Unidade Curricular, apostei, pese embora os meus problemas familiares que não importa agora aqui descrever, essencialmente na procura de livros, revistas e textos atuais que falem do trabalho social na escola e, particularmente, do serviço social na escola. E é dessa leitura e dessa revisão bibliográfica, que o capítulo seguinte, chamado “Enquadramento teórico”, dá conta. Nele encontramos autores essencialmente portugueses e espanhóis, e outros que têm trabalho sobre a multiculturalidade na escola e a gestão da diversidade na escola.

Por outro lado, não seria possível compreendê-la sem esta introdução que aqui deixo redigida para enquadrar o tema e este trabalho em particular. Mesmo tratando-se apenas de um curto período de tempo, essencialmente aquele que dá conta do que se tem feito, dos autores que tenho trabalhado sobre a multiculturalidade, a interculturalidade, a

mediação com tensões, com conflitos, com choques de cultura na escola, é importante dizer, também, que após esta revisão da literatura o trabalho continuará no terreno, após a apresentação e defesa do projeto, com a descrição e a apresentação do diagnóstico social, de uma planificação de atividades, sendo que as mesmas já foram realizadas no sentido de fazer a avaliação final do projeto.

Assim, depois do primeiro capítulo, que dá conta da revisão da literatura realizada, apresento, ainda, no segundo capítulo, o diagnóstico social do ambiente sociocultural da escola D. João I. No terceiro apresentam-se as atividades propostas a serem desenvolvidas durante o projeto. No quarto capítulo, a aplicação-execução, na qual é explicado o desenvolvimento de uma atividade. O quinto capítulo mostra alguns instrumentos e outros a usar para fazer a avaliação final do projeto educativo que tem como término previsto o ano de dois mil e vinte e oito.

CAPÍTULO 1 - Da Escola D. João I e do Enquadramento Teórico e Revisão Conceptual

Caraterização da Escola

O agrupamento de escolas D. João I é composto por três escolas do 1.º ciclo e uma do 2.º e 3.º ciclo. O agrupamento em estudo situa-se num contexto sociocultural diversificado, havendo, portanto, bastantes choques de culturas. A escola situa-se junto a um bairro social, na freguesia contígua, Vale da Amoreira, e tem várias características sociais, composta por dezanove diferentes nacionalidades. Cerca de 35% da população do município da moita vivem na freguesia do Vale da Amoreira, número considerável sobre a amostra deste município.

A escola foi inaugurada no ano de mil novecentos e oitenta e seis e desde então não teve nenhuma intervenção. A escola tem uma arquitetura antiga, com necessidade de uma intervenção que possa melhorar as suas instalações. A maioria dos alunos vivem no bairro, porém existem alunos que vivem em zonas consideradas mais favorecidas.

A vinda e o aumento de alunos de países menos desenvolvidos, juntamente com pessoas com diferentes tipos de cultura, faz com que exista um crescimento de conflitos entre os alunos/alunos, alunos/professores e professores/encarregados de educação. Estas diferenças levam a um aumento de conflitos, pois existe claramente uma incompreensão generalizada por todas as partes envolvidas neste processo de socialização.

PAÍSES	ANO LETIVO 2021/2022	ANO LETIVO 2022/2023	ANO LETIVO 2023/2024
Afeganistão	1	1	1
Angola	42	56	61
Bangladesh	0	0	4
Brasil	59	86	85
Cabo Verde	24	23	29
China	3	2	3
Guiné-Bissau	25	27	18
Índia	1	2	2
Islândia	2	2	2
Moçambique	2	2	3
Nepal	1	0	0
Paquistão	1	0	0
Polónia	2	2	2
Reino Unido	1	2	4
Roménia	1	1	0
Rússia	1	1	1
São Tomé e Príncipe	11	14	34
Ucrânia	3	2	3
Portugal	780	728	684
Tunísia	0	0	1
Total de alunos	960	949	937

Tabela 1 - Nacionalidades do Agrupamento de Escolas D. João I

Fonte: Construção do Investigador

A tabela 1 representa em termos gerais as nacionalidades do Agrupamento de Escolas D. João I, tendo uma comparação evolutiva do número de alunos das diferentes nacionalidades ao longo de três anos letivos. Verifica-se que o número de alunos tem vindo a aumentar. Porém, o número de portugueses tem diminuído, podendo-se constatar que esse aumento se deve aos alunos vindo de diversos países de língua oficial portuguesa, entre outros.

De seguida, será possível observar três gráficos com os diferentes dados dos alunos do agrupamento de Escolas D. João I. Estes gráficos foram construídos e analisados possibilitando uma comparação entre as características do agrupamento ao longo de três anos letivos.

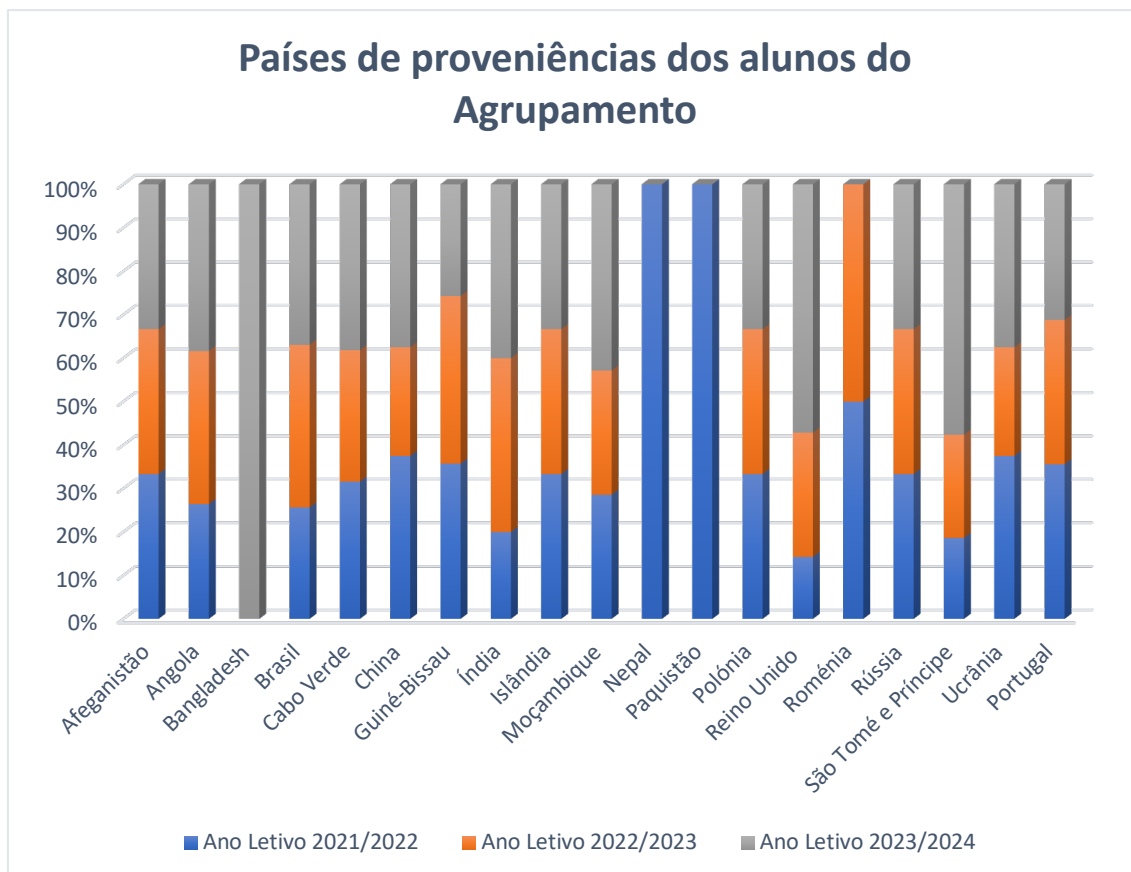


Gráfico 1 - Países de proveniências dos alunos do Agrupamento

Fonte: Construção do Investigador

O gráfico 1 apresenta a percentagem representativa no agrupamento das diferentes nacionalidades. Verifica-se que duas nacionalidades deixaram de estar representadas na escola e que algumas tiveram um crescimento significativo, como por exemplo, os alunos provenientes de São Tomé e Príncipe e do Brasil.

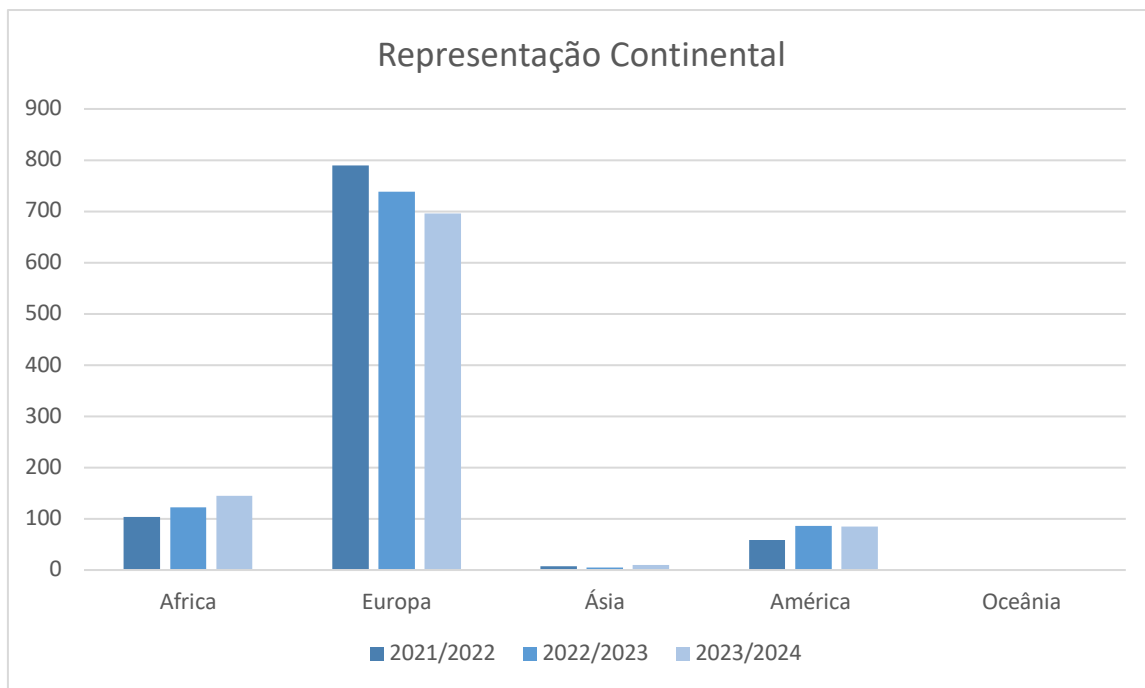


Gráfico 2 - Representação Continental

Fonte: Construção do Investigador

O gráfico 2 mostra a representação continental dos alunos do Agrupamento. Este gráfico vai ao encontro dos dados referidos no gráfico anterior, pois o continente europeu é o mais representado, porém tem vindo a decrescer ao longo dos últimos anos letivos, sendo bastante visível que o continente africano refletiu um crescimento significativo. O Agrupamento é representado por quatro dos cinco continentes.

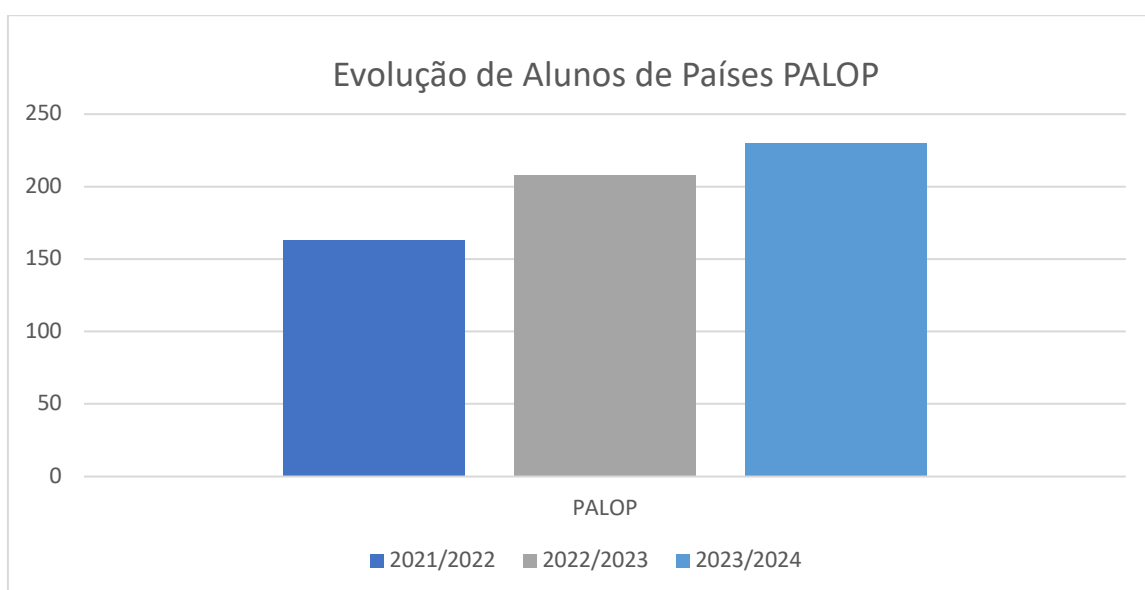


Gráfico 3 - Evolução de Alunos de Países PALOP

O gráfico 3 apresenta a evolução dos alunos provenientes dos países PALOP que têm um peso relativamente importante no agrupamento.

O Agrupamento de Escolas D. João I tem atualmente 937 alunos de diferentes nacionalidades, e conta também com 80 professores e 2 Técnicos Superiores, um Assistente Social e uma Psicóloga.

A integração dos alunos migrantes na escola:

Quando um aluno é matriculado no agrupamento, a secretaria da escola realiza uma pequena análise dos dados pessoais do agregado familiar e encaminha para o gabinete de serviço social, que consoante a situação analisa os dados recolhidos e encaminha e apoia no processo indicando/ “fazendo a ponte”, com as seguintes entidades:

- CAFAP (Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental), é um serviço de apoio às crianças e jovens e às suas famílias, ajudando as mesmas a desenvolverem competências sociais e parentais. O objetivo desta resposta social passa por prevenir situações de risco e perigo; desenvolver atividades familiares fortalecendo os laços e comportamentos; avaliar comportamentos de risco e a possibilidade de uma transformação positiva.

- A Câmara Municipal da Moita exerce também um papel importante no apoio às famílias, através da atribuição de cabazes de Natal a famílias carenciadas, bem como na atribuição do SASE (Serviços de Ação Social Escolar) a muitos alunos. A escola atribui também um apoio extraordinário.

- A Saúde Escolar tem como objetivo a inclusão de crianças com necessidades de saúde, visa promover um ambiente de proteção relacionado com estilos de vida saudáveis e encaminhar para consultas especializadas. Muitos dos alunos migrantes chegam sem número de saúde e com algumas necessidades a nível de saúde, nestes casos, os alunos são encaminhados para esta entidade.

- O CLDS- Moita, tem como objetivo promover a inclusão social de grupos populacionais desfavorecidos e que revelem dificuldade no acesso aos seus direitos. O CLDS-Moita é bastante importante na implementação de ações de sensibilização

para os Encarregados de Educação apresentando um papel fundamental no desenvolvimento de entrevistas de emprego.

- A Escola Segura é uma entidade indispensável no apoio de ocorrências, no auxílio de visitas domiciliárias às habitações da população migrante para perceber os contextos habitacionais e das ações de sensibilização.

- O CLAIM (Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes), tem como Objetivo a articulação com outras entidades da rede local, apoiando na integração dos migrantes. Esta entidade apoia as famílias migrantes da escola, no acesso dos seus direitos, a nível económico, habitacional, nos processos de reagrupamento familiar e marcações no SEF (Serviços de Estrangeiros e Fronteira).

Projetos adotados pelo Agrupamento de Escolas para melhorar a integração dos alunos na Comunidade Escolar.

Turma Z¹

A Turma Z surge como uma medida adotada pelo agrupamento de escolas e tem como principal objetivo do projeto educativo, a melhoria de resultados escolares, portanto foi criado o projeto turma z, para as disciplinas onde se verificam maiores dificuldades: português e matemática.

O funcionamento e composição destas turmas é estipulado pelos professores ao longo do ano letivo, sendo por isso alvo de alterações ao longo do ano, ou seja, os alunos que manifestam maior dificuldade nestas disciplinas, são inscritos nestas turmas, que ocorrem em simultâneo com a turma onde o aluno está inserido à hora da disciplina equivalente, onde o aluno é direcionado para uma sala diferente, com um grupo menor de alunos que também foram referenciados com maior dificuldades para serem apoiados de forma mais individualizada por um professor da disciplina. Porém a inserção dos alunos

¹ A turma Z foi atribuída pela direção da escola, para classificar as turmas com mais dificuldades nas aprendizagens.

nesta turma não é definitiva, ocorre somente às disciplinas mencionadas e o aluno pode deixar de frequentar caso o desenvolvimento das competências à disciplina obtenha bons resultados. Em relação aos alunos migrantes, quando são inseridos na comunidade escolar e iniciam as aulas é realizada uma avaliação prévia das suas competências na disciplina e na eventualidade de se manifestarem dificuldades, o aluno é posteriormente encaminhado para a turma z, onde pode beneficiar de um apoio mais individualizado e específico de forma que este, consiga integrar a turma nas disciplinas que são alvo de maior dificuldade no agrupamento.

O Português Língua não Materna

Os alunos migrantes, sejam eles vindos de países estrangeiros ou de países de língua oficial portuguesa, quando iniciam as aulas, realizam um teste de português para que seja reconhecido o nível de proficiência e conhecimento da língua portuguesa. Esta informação será importante para que o aluno possa exercer o seu direito de apoio extraordinário e beneficiar de medidas de avaliação diferenciadas. Estes alunos terão um acompanhamento personalizado para que consigam obter melhores resultados e desenvolver o conhecimento da língua portuguesa. Após a identificação das dificuldades no domínio da língua portuguesa, o aluno é acompanhado durante todo o ano letivo e no ano letivo seguinte os alunos realizam novamente o teste para que se possa perceber qual o nível de conhecimento da língua portuguesa e perceber se ainda é necessário beneficiar de um apoio personalizado.

A migração é um fenómeno muito antigo na Europa. Geddes (2013) refere que a migração está ligada à história da Europa e da União Europeia. Apesar de fazer parte da história da Europa a migração é uma realidade atual e segundo dados estatísticos também é uma realidade futura. Segundo Marques (2008), tendo por base um inquérito realizado a vários cidadãos portugueses, país de acolhimento, sobre a importância da imigração pode-se aferir de uma forma geral que os imigrantes têm um papel na economia nacional, sobretudo no que se refere ao exercício de trabalhos menos procurados pelos portugueses. Segundo o artigo “Migração e asilo”, na União Europeia vivem cerca de 507 milhões de cidadãos e cerca de 20 milhões são cidadãos que não pertencem aos estados-membros da União Europeia.

Um dos grandes objetivos da União Europeia é a excelência nas áreas de ensino e formação profissional tentando “harmonizar as condições de admissão dos cidadãos de países terceiros” (Comissão Europeia, 2014), que pretendam seguir estudos do ensino secundário, superior, realizar estágios não remunerados ou realizar voluntariado nacional. Caso existam indivíduos menores de idade nestas situações, é necessária a autorização dos pais. A Comissão Europeia (2014), refere que muitas vezes estes indivíduos têm de comprovar meios de subsistência durante o tempo que permanecerão no país e por vezes demonstrar o conhecimento da nova língua. Posto isto a UE “concede a esses imigrantes uma autorização de residência e um conjunto de direitos, como o direito de os estudantes poderem trabalhar para cobrir parte do custo dos estudos” (Comissão Europeia, 2014).

A escola, segundo Hortas (2017), é o local onde existe uma maior constatação da imigração e dos seus desafios, portanto, torna-se importante a elaboração de políticas, estratégias e práticas sociais para a integração dos imigrantes. A compreensão deste fenómeno, cada vez mais evidente nas escolas, é fundamental “(...) para a construção de uma cidadania plural, focada na transição da cultura para a multicultural” (Carneiro, 2001, *cit. in* Hortas, 2017, p. 64).

A escola é um local multicultural e onde surgem cada vez mais desafios no sentido de acolher identidades bastante heterogéneas que podem trazer vários desafios, tensões e conflitos, “Além de, em termos sociais, termos de ser capazes de alojar com dignidade as famílias, também em termos pedagógicos é preciso garantir uma flexibilidade nos métodos de ensino para as crianças imigrantes de forma a garantir-lhes o sucesso educativo.” (Vieira e Vieira, 2018, p.227).

Neste sentido, a escola sendo um local multicultural, é composta por pessoas de diferentes idades e de diferentes culturas que interagem entre si, que por consequência gera diversas ações, comportamentos, atitudes, tornando importante a harmonização dos diferentes diálogos.

“A construção deste complexo e plural tecido social, exige da escola um compromisso com a formação integral dos indivíduos” (Hortas, 2017, p.64). Esta multiculturalidade na escola, valoriza o crescimento dos alunos enquanto cidadãos, uma vez que podem conhecer as diferenças culturais e através do convívio, aprender coisas novas acerca do funcionamento de uma sociedade, ou seja, valorizar o que de positivo a

outra cultura poderá trazer ao seu conhecimento pessoal. Pode-se afirmar que ambas os cidadãos de culturas diferentes beneficiam deste contacto e troca de experiências/vivências, daí a necessidade cada vez maior de existência de profissionais qualificados nas escolas que possam intervir na comunidade escolar e auxiliar o professor neste processo de aprendizagem, de forma integradora e sem abandonar totalmente a sua cultura de origem. Considera-se, pois, a necessidade de existir uma mediação intercultural nas escolas de hoje, no sentido em que “ (...) a mediação intercultural está intimamente ligada, (...), a uma ajuda não só de tradução cultural e linguística, mas, também, de autonomização, empoderamento e de trabalho relacional para a transformação com o outros” (Vieira e Vieira, 2018, p.236)

Segundo Hortas (2017) a nível europeu considera-se importante que os cidadãos sejam capazes de intervir na vida política e social, sendo também indivíduos com responsabilidade e com valores sociais aptos para promover uma coesão social neste contexto diversificado em que se encontra a Europa. O papel da escola passa por assegurar a formação destes cidadãos e deste modo, ser capaz de criar condições através da criação de exercícios de cidadania, para conseguir de alguma forma cumprir “(...) um dos principais objetivos do atual marco estratégico para a cooperação europeia no campo da educação” (Hortas, 2017, pp 64-65).

A aplicação de dinâmicas sobre o quotidiano revela implicações nos jovens por vezes transformadoras, uma vez que os mesmos são colocados dentro de situações improvisadas e que devem ser capazes de resolver.

Segundo Audigier (2000) *cit in* Hortas (2017) a cidadania ativa é definida por uma parte prática, que relaciona a teoria com o exercício de uma construção social. Muitos investigadores defendem várias perspetivas de uma cidadania ativa nas escolas. Segundo Maiztegui e Eizaguirre (2008) *cit in* Hortas (2017) existem três competências para uma cidadania ativa. A primeira é relacionada com o conhecimento de direitos e deveres, a segunda sobre a parte ética e da construção de identidade e por fim sobre a identificação das relações sociais e na defesa dos direitos.

Revisão da Conceptual

Multiculturalidade na escola

Segundo Vieira (2011) a educação (re)constrói a identidade, uma vez que vamos tendo alterações no projeto de vida. Com base nisto pode-se falar em Hibridismo onde a biologia define como um cruzamento entre duas espécies vegetais ou animais distintos, que geralmente não podem ter descendência devido aos seus genes incompatíveis. Existem autores que defendem e criticam o hibridismo (Vieira, 2011). A este propósito, Rodrigues, (cit. in Vieira, 2011), afirma que “no final de contas, cada um de nós poderia ter sido qualquer outro”, já o autor (Vieira 1997 Hall in Vieira 2011, p. 173) afirma que “algumas pessoas argumentam que o “hibridismo” e o sincretismo (fusão entre diferentes tradições culturais) são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura”.

A escola é um local de encontros e desencontros, sendo este um local de encontro de diferentes culturas. A relação entre a família e escola é uma relação por vezes complicada, uma vez que são relações de culturas. Esta relação as vezes é muito próxima, por vezes muito próximos do conflito, “esta descontinuidade cultural pode fazer surgir mais ou menos diálogos ou anti diálogos entre estes dois contextos” (Stoer e Cortesão, 2005, Silva, 2002 e 2003, Vieira, 2005 cit. in Vieira, 2013, p. 84)

Vieira (2011), descreve a mestiçagem como uma mudança social e uma transformação social, ou seja, uma mistura ou formação de famílias de etnias e culturas diferentes sem ser um caldo de culturas ou um hibridismo. A mestiçagem “não implica unicamente a mistura de culturas. Quando entre culturas fortes há um encontro que as não destina a desaparecer, poderão ter lugar processos de influência recíproca (de aculturação)” (Wieviorka, 2002 cit. in Vieira 2011, p.176).

A transformação implica muitas das vezes uma aprendizagem. Segundo Vieira (2011), a metamorfose cultural que ocorre devido à cultura dominante leva à construção de dois modelos extremos. No primeiro ou se ignora e esquece o passado cultural ou pelo contrário tenta-se tirar a riqueza da cultura original para que exista na prática “uma pedagogia do relativismo cultural, uma pedagogia contra o racismo, contra a xenofobia,

contra a segregação social (...) enfim uma pedagogia que eu tenho chamado de intercultural” (Vieira 1999).

Por vezes, a mediação pode ser mal compreendida, focando-se no aluno como "problema" ao invés de abordar as tensões sociais naturais que surgem em ambientes diversificados. A diversidade não é de todo uma conotação negativa, no entanto, reflete por vezes a falta de diálogo eficaz, que poderia ser facilitado por professores, mediadores ou assistentes sociais, promovendo uma convivência mais harmoniosa. “O conflito é para ser vivido, e não evitado ou, mesmo, solucionado. Pensar e sentir diferente é inerente às relações humanas e potencialmente fonte de crescimento. Discutir essas diferenças, traduzir argumentos, mostrar que não pensamos da mesma forma é absolutamente saudável” (Costa, 2003 *cit in* Vieira, A., Marques e Vieira, R., 2016, p.107).

Deste modo Vieira (2011) explica por outras palavras que o mundo deve assumir que não se é apenas de duas cores, branco e preto e sim um “mundo policromático (várias cores) e, sendo-se pessoa, também multicultural, atua-se, pensa-se e comunica-se duma forma intercultural não se estratificando as diferenças culturais.” (Vieira, 2011, p.176).

O autor Vieira (2011) define dois modelos das metamorfoses culturais, o modelo oblato e o modelo trânsfuga. O primeiro modelo consiste em indivíduos que rejeitam ou sentem vergonha de falar da sua cultura e acabam por aceder a outros grupos sociais deixando de fora os seus próprios valores. O modelo trânsfuga “o individuo recebe o novo, mas não rejeita o velho. Incorpora no seu universo pessoal a aquisição cultural que dá uma nova dimensão à cultura de origem” (Vieira, 2011, p.176).

Ao longo do processo de aprendizagem da vida humana, atravessa-se por diferentes culturas, crenças, valores na qual Vieira (1999) destaca três: ou nos identificamos com apenas uma cultura, que normalmente será a mais forte; identificamo-nos com várias culturas e somos multiculturais, ou simplesmente vamos conseguindo fazer ligações com o quotidiano e percebendo as mudanças sociais e adaptamo-nos consoante a margem em que nos encontramos “sendo cidadão reflexivos e trânsfugas, sim, mas interculturais” (Vieira, 1999)

A importância de um mediador intercultural trânsfuga é mesmo este, ou seja, ter a capacidade de ver o mundo policromático, ter a capacidade de adaptação aos diversos contextos sociais, ter presente em si a sua cultura, mas não apagar a do outro e como refere

Vieira (2011) o indivíduo incorpora a nova cultura e dá uma nova dimensão à nova cultura. Esta percepção da mediação é essencial para o processo de identificação de todos os envolvidos.

Mediação Escolar; Choque de Culturas

A escola é um local multicultural, que segundo Vieira (2012, p. 12) “A escola deverá responder, de forma permanente, à crescente heterogeneidade da sociedade contemporânea”.

A mediação é a segunda profissão mais antiga do mundo, desde sempre que as pessoas sentem a necessidade de mediar e conversar, temos como exemplo a troca de bens essenciais entre os países.

Para Capul e Lemay (2003) a mediação é uma das funções essenciais de toda e qualquer relação educativa. O educador é alguém que tenta criar pontes entre os indivíduos e que faz parte do processo de evolução.

O espaço onde a criança brinca e desenvolve a sua identidade é bastante importante pois “permite-lhe abrir um espaço onde, pelas suas próprias explorações simultaneamente livre e guiadas, ela possa desenvolver o que pode e criar” (Capul, Lemay, 2003, p. 112). Portanto esta mediação será realizada de diversas maneiras.

A nível individual, com o objetivo de criar as melhores condições para que o indivíduo possa se desenvolver através das diferentes situações do quotidiano, “a mediação é, tanto, esta arte do entre-dois em que o educador funciona como intermediário privilegiando entre o que ainda não é mas se constitui silenciosamente” (Capul, Lemay, 2003, p. 113). Os autores referem ainda que se o educador não mostrar empatia, todo este processo se bloqueia.

A mediação também é importante em situações coletivas. É através da presença de um terceiro indivíduo, o educador, que faz com que casais, parceiros de trabalho, entre outros falem dos seus problemas e angústias que “enquanto não são dadas a conhecer,

constituem barreiras intransponíveis para qualquer outra forma de diálogo” (Capul, Lemay, 2003, p.113).

A mediação pode ocorrer também em lugares diferentes, mas de conhecimento para a comunidade pelos educadores. Os autores referem que esses locais são bastante importantes para os indivíduos, chamando de vida psíquica, ou seja, uma rede de solidariedade no seio dos bairros. Estes locais tornam-se assim um espaço comum e de acolhimento para se renovar laços e partilhar desejos/sonhos.

Para uma maior compreensão deste projeto importa entender o conceito de mediação em contexto escolar. Vários investigadores e pedagogos defendem a ideia de que o conceito de ensinar e aprender têm uma correlação, neste sentido existe uma mediação que é inerente ao professor, no que se refere ao ato de ensinar. A transmissão de conhecimento ao aluno, pode ser vista como uma mediação do conhecimento e tendo como base um elo proporcionado por esta ação. No entanto, o professor assume o papel de mediador no próprio desenrolar do contexto escolar, exercendo frequentemente uma mediação de conflitos, pois “O professor/ educador tem de ter conhecimento do meio e do território e usá-los com propriedade no processo de ensino-aprendizagem. E isto obriga ao envolvimento com as famílias e a comunidade, ao trabalhar com todos os agentes sociais, desenvolvendo processos de comunicação criando projetos comuns que fomentem a inclusão cultural, social, religiosa, de género, etária, etc” (Vieira, 2016, p.112). A Mediação, assume um papel significativo no ambiente escolar, sendo fundamental reconhecer as suas diferentes formas de manifestação e compreender as ferramentas e estratégias mais eficazes para a sua implementação. No contexto educativo, a Mediação, não só facilita a resolução de conflitos, como também promove um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e colaborativo, onde as relações interpessoais e o desenvolvimento social são valorizados e cultivados. Deste modo, é essencial, que os educadores e mediadores possuam competências adequadas para aplicar estas práticas de forma consciente e eficaz, contribuindo para uma educação mais equitativa e humanizada.

Pode-se afirmar que a mediação não se limita à resolução de conflitos ou à gestão de situações de crise, no sentido, em que visa incluir um processo contínuo de educação e convivência, onde as famílias e as respetivas comunidades são vistas como parceiras ativas na construção de um ambiente educacional saudável e inclusivo. Ensinar a conviver, significa promover uma cultura de diálogo, respeito e cooperação, onde todos

os envolvidos quer sejam os professores, alunos, famílias e restante comunidade—aprendem a viver juntos de maneira harmoniosa.

A ideia de "viver com" (Jares, 2007) acentua a importância da convivência diária e das relações interpessoais para a formação dos indivíduos. A mediação, deve por isso, estar voltada para fortalecer os laços sociais e promover um senso de comunidade, onde a aprendizagem e o desenvolvimento social dentro e fora das salas de aula. A mediação atua como um processo educativo que envolve todos, criando um ambiente propício para o desenvolvimento integral dos indivíduos, quer seja no âmbito do acadêmico quer no social, este último começa a ser cada vez mais uma preocupação das escolas.

Inicialmente os professores revelavam dificuldades com alguns alunos provenientes de meios sociais desfavorecidos no contexto de sala de aula, pelo que se optou por “deixarem estes alunos com outros, os tutores, um pouco mais velhos, admitindo a hipótese de que a comunicação se faria mais facilmente entre eles” estas experiências revelaram que a separação deste grupo de alunos que ocorreu em Portugal, através dos currículos alternativos, evidenciou a criação de barreiras invisíveis, dificultando a integração plena dos alunos e reforçando estereótipos ou preconceitos. Entende-se, pois, que as práticas pedagógicas que promovem a interação, convivência e a aprendizagem coletiva entre alunos de diferentes origens culturais incentivam a construção de um ambiente escolar mais coeso e inclusivo, onde a diversidade é vista como um recurso educativo valioso. Quando alunos de diferentes culturas são incluídos em atividades e interações conjuntas, todos beneficiam da troca de experiências e fluem perspectivas e valores culturais diversos.

Portanto, é fundamental adotar estratégias que valorizem a diversidade cultural dentro da sala de aula e no ambiente escolar como um todo, de forma a proporcionar oportunidades para que todos os alunos aprendam a "viver com" e a respeitar as diversidades. Importa fomentar cada vez mais, a promoção de atividades colaborativas, projetos interculturais, e discussões que aliciem todos os alunos, sem segregá-los, para que se sintam parte de uma comunidade escolar verdadeiramente inclusiva.

Tensões e conflitos

As palavras tensão e conflito podem ser confundidas com muita facilidade pelo seu significado negativo da palavra. “As tensões são o tempero das relações humanas e nem sempre deveriam ser vistas como um problema ou mesmo um conflito” (Vieira, 2012, p. 31). A escola como um centro de encontro de inúmeras culturas, torna-se importante que o professor reconheça os diversos alunos, pois conforme a autora Vieira (2012) refere, nas escolas ouve-se que a turma x é problemática e o aluno tem problemas sendo necessário uma mediação preventiva, mesmo que não exista um problema efetivamente.

Segundo Vieira (2012) é necessário modificar o entendimento que se tem sobre o conflito. Entender a relacionar de uma forma mais relacional, seja na escola que é um espaço social, bem como noutros meios sociais. Como mostra a seguinte citação, “do rio que tudo arrasta, diz-se que é violento. Mas ninguém chama violento às margens que o comprimem” (Brecht *cit in* Vieira 2012), como assistente social numa escola localizada num espaço com diversas culturas e com vários choques sociais, surge a importância da mediação entre o professor e aluno porque como refere a citação acima e na minha interpretação, por vezes os alunos são chamados de violentos, mas é necessário perceber os constrangimentos da sua vida, mesmo que o aluno não permita, o professor deve estar dotado de estratégias para conseguir entender as margens do aluno.

A escola da qual trabalho não é uma escola TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária), porém esta inserida num contexto social bastante complexo onde a escola para a maioria dos pais não é considerada importante no desenvolvimento dos alunos, “nas zonas ditas difíceis, a desvalorização dos alunos, da sua experiência e do seu estatuto de sujeitos de sua própria aprendizagem, institui-se como principal obstáculo ao desenvolvimento de uma acção educativa” (Vieira, 2013, p. 85)

Para Vieira (2012) o conflito é entendido como um problema, mas apenas em situações de grandes tensões, da qual não existe uma mediação preventiva geradora de um pensamento crítico sobre a situação, pois irá gerar sempre tensões. O objetivo da criação do pensamento, reflexão é que consigamos ser diferentes uns dos outros, “o

pensamento avança pela divergência, pela discussão, pelo diálogo – que é sempre, também, confrontação, logo, tensão” (Vieira, 2012, p. 31)

Não se pretende que os alunos ou os professores perdoem tudo o que se faz, mas sim que exista um espaço para a compreensão e divergências e que para Vieira (2012) é bastante importante esta compreensão, pois, de contrário, a socialização para convivência não será bem conseguida.

Processo socioeducativo

Um dos obstáculos que encontro na escola tal como a autora Vieira (2013) refere é a participação do aluno no processo de relação de escola-família deixando de fora a opinião do aluno. Torna-se importante saber desconstruir este pensamento antigo, pois as escolas com a questão da escolaridade obrigatória, a mesma tem recebido diversos alunos diferentes, de culturas diferentes, “por isso, a concretização de uma escola para todos obriga a uma preparação da Escola para mediar tensões, resolver conflitos e lidar com a diversidade de forma inclusiva” (Vieira, 2012, p.31)

A mediação preventiva é muito importante, uma vez que trabalha com os alunos, não é uma mediação para resolver problemas que estão a acontecer ou que já aconteceu, mas sim uma mediação inclusiva como refere a autora “a mediação que preconizamos enquadra-se num paradigma intercultural, no qual se reivindica uma escola para todos e não todos para uma escola” (Vieira, 2012, p. 31)

Jares (2002) afirma que qualquer processo educativo tem como objetivo aprender a conviver. A educação e as normas de convivência são atribuídas ao sistema educativo e à família.

Quando se fala em conviver não significa que não exista conflito, pois esta perspectiva deve ser encarada na aprendizagem da convivência. Jares (2002) defende que “o conflito deve ocupar um lugar central na aprendizagem da convivência” outro autor

Massague *cit in* Jares defende que na escola democrática o conflito privilegia a dinâmica interpessoal e que se deve aproveitar todo o valor educativo que traz implícito.

A forma de aprender a conviver não está reduzida apenas à escola, mas sim a tudo o que rodeia o indivíduo, como a família, amigos, notícias bem como “os contextos económicos, sociais e políticos” (Jares, 2002, p.89). Como consequência destas situações descritas Jares (2002) defende que a escola não pode ser responsabilizada pela deterioração da convivência e que não pode ser vista como o problema da sociedade nem a salvação da mesma.

A melhor forma de intervir junto das escolas e prepará-las para os desafios futuro passa por “três tarefas fundamentais: formação de professores, dotá-las de mediadores sociais (educadores ou assistentes sociais) que atuem sobretudo na ligação entre a escola e as famílias mais desfavorecidas” (Jares, 2002, p. 90).

Quando iniciei a profissão como Assistente Social, em outubro de 2020, em plena pandemia, deparei-me com uma realidade diferente da habitual, ou seja, uma grande deterioração da convivência devido ao facto de os alunos estarem longe da escola, apenas através de um ecrã, as crianças ficaram durante um grande período privadas do processo de sociabilização. Sendo o período da pandemia também uma aprendizagem para os professores porque surgiu um novo contexto social com novas regras de socialização com um espaço e tempo de adaptação. O regresso dos alunos à escola, trouxe com eles novas regras de convivência.

Neste novo contexto escolar foi importante adaptar estratégias para que existisse um bem-estar comum. O objetivo passava por evitar “um clima escolar autoritário e burocratizado caracterizado por um ideário polarizador (...) favorecem o sucesso de uma minoria à custa do fracasso dos restantes” (Watkins e Wagner, 1991:54 *cit in* Jares, 2022, p.94).

Com base em várias metodologias, o projeto procurou realizar intervenções junto dos alunos com o objetivo de desmistificar o “sistema educativos autoritários, em que a boa educação era aquela em que o aluno/a ou filho/a se mostrava sempre obediente e não questionava as normas ou indicações dos professores ou dos pais” (Jares, 2002, p.101). Em diversas sessões os alunos debateram, questionaram, aprenderam o que é a empatia, o que é gostar de si, tudo através de dinâmicas de grupo/jogos cooperativos. Como refere

Jares (2002) o jogo é um dos meios transmissores de determinados códigos sociais. A verdade é que no ano letivo os alunos realizaram diversas atividades que os colocaram à prova sobre questões sociais importantes.

Segundo o autor, é nas escolas mais inflexíveis e autoritárias que tem-se verificado um aumento de indisciplina entre os alunos. A “resolução de conflitos tem mais possibilidade de ser resolvido de forma positiva quando ocorre num meio social dotado de estruturas participativas, democráticas e cooperativas” (Jares, 2022, p.94), ou seja, existindo um ambiente de confiança e apoio mútuo, o ambiente escolar torna-se muito melhor. Sendo por isso, defendido um ambiente escolar positivo através de uma gestão democrática, pois a existência de práticas de negociação entre os professores e alunos tem revelado resultados positivos em contextos de turmas reduzidas, sendo um objetivo alargar a toda a comunidade escolar.

O facto de existir cada vez mais diferentes culturas nas escolas faz com que os professores e todos os profissionais tenham a necessidade de conhecer/compreender as diferenças. Para Viera (2013) torna-se necessário o professor estar atento a estas diferenças sociais e culturais.

A forma e as metodologias utilizadas pelos professores na forma como abordam os alunos e os problemas que vão existindo na escola são fundamentais na construção de uma comunidade escolar que se apoia. As escolas apostam na formação dos professores e na integração de novos profissionais das áreas das ciências sociais para o trabalho das relações interpessoais seja feito de uma forma educativa para que possa existir na escola uma convivência de paz. Estas apostas são importantes no desenvolvimento das competências socio-emocionais dos alunos e dos professores. Estes profissionais trazem consigo uma nova visão sobre a escola.

A relação entre o aluno e o professor ocorre a nível pedagógico, no entanto ambos têm diferenças culturais, o que faz com que muitas vezes existam choques culturais e incompreensão por parte do professor/aluno nessa relação. (Perrenoud 2008 *cit it* Vieira 2013) refere que uma criança que valoriza a escola e tem bons resultados é e sempre será mais apreciado que um aluno que está constantemente em conflito com os colegas, que agride e é malcriado para os outros.

Segundo Jares (2002) a forma de educar está ligada de forma estreita às relações interpessoais. “A separação do cognitivo e do afetivo é grave em três sentidos” (Ross e Watkinson *cit in* Jares 2002, p.97) o primeiro porque não se pode pressupor que todos os alunos possuem a mesma estabilidade afetiva, o segundo parte que o cognitivo tem mais valor que o afetivo e o terceiro “ao ignorarem o afetivo, os educadores estão de certa forma tácita, a aprovar os abusos e desigualdades na prática dos alunos” (Ross e Watkinson *cit in* Jares 2002, p. 97).

As características que se devem basear nas relações interpessoais segundo Jares (2002) são a reciprocidade, e a empatia, pois é muito importante os professores terem a capacidade de colocar-se no lugar do outro e assim conhecer/perceber o sentimento do aluno, isto não significa que o professor aceite, mas sim perceba.

Será, portanto, importante encontrar uma metodologia que vá ao encontro de uma convivência de paz, pois hoje tanto professores como os encarregados de educação valorizam os resultados escolares que gera a competitividade e isto pode criar o conflito. Como foi referido anteriormente esta competitividade deve ser gerida num ambiente calmo, e de confiança.

CAPÍTULO 2 Diagnóstico Social do ambiente sociocultural da escola D. João I

Segundo Serrano (2008) o diagnóstico é importante num projeto social para identificar os principais problemas, ou seja, é a capacidade de conhecer a realidade do objeto em estudo. No ambiente escolar tão amplo e como foi verificado na descrição da escola, a mesma encontra-se com um número considerável de alunos estrangeiros. O projeto tenta ir ao encontro das necessidades de uma escola intercultural que não tem nenhum projeto que vá ao encontro destes alunos.

Neste capítulo serão realizadas entrevistas a vários intervenientes que participam direta e indiretamente no desenvolvimento da escola, são estes Professores, Alunos e Encarregados de Educação (cf. apêndice 2, 3, 4, 5A, 5B, 6A, 7A, 7B, 8A, 8B, 9A, 9B, 10A, 10B, 11A, 11B, 12A, 12B).

A primeira entrevistada é à professora Magda Abelho, que é também subdiretora do Agrupamento escolar. A entrevista foi realizada no gabinete do Assistente Social no dia dezasseis de maio de dois mil e vinte e quatro, foi usado um guião com cinco questões fundamentais (cf. apêndice 2) para tentar obter o seu ponto de vista sobre o ambiente sociocultural da escola.

A primeira questão remete para uma tentativa de conhecer os maiores desafios vividos por esta professora (cf. apêndice 5A). Relativamente a esta matéria, a professora Magda refere os movimentos migratórios e particularmente a imigração dos PALOP e do Brasil como um dos principais fatores conducentes ao aumento da complexidade e da multiculturalidade na escola.

Do seu ponto de vista, as barreiras linguísticas são os maiores desafios à construção de uma escola inclusiva:

“[...] hoje em dia também o acesso às novas tecnologias, facilita muito a barreira linguística, que para mim é um dos maiores desafios, porque a vinda de alunos de países asiáticos ou da cultura muçulmana, que nem sequer têm o nosso alfabeto como referência

é um dos maiores handicaps e isso as novas tecnologias vieram facilitar o contorno desta dificuldade [...]”.

Quando questionamos a subdiretora sobre os recursos educativos que a escola dispõe para ultrapassar as dificuldades apontadas, obtemos a resposta de que os recursos educacionais são variados, mas só são atribuídos aos alunos passado muito tempo:

“[...]Os recursos educacionais que deviam ser variados muitas vezes quando surgem, às vezes vêm um pouco fora da necessidade, ou seja, quando começa um ano se eu recebo alunos de uma determinada nacionalidade e que faz com que eu tenha uma necessidade muito específica, às vezes esses recursos só aparecem muito a posteriori [...]”

Relativamente, quando questionada em relação os projetos desenvolvidos no Agrupamento a mesma refere que que a escola tem uma vasta oferta de projetos e clubes que têm como objetivo desenvolver as competências sociais. Refere ainda dois projetos que mais contribuem para o desenvolvimento social dos alunos, o Ubuntu e o PIV (Prevenir, Intervir e Valorizar):

“[...] Cada vez mais o agrupamento tem uma oferta de projetos e não só, também de clubes que visam colmatar algumas dessas necessidades. Temos o clube Ubuntu que vai ao encontro do desenvolvimento das competências sociais emocionais, que também ajuda alunos que estejam ali com algum problema que sejam identificados e temos a área dos comportamentos que não é só no sentido negativo mas também num sentido positivo, ou seja, quanto há uma proposta para a dar uma menção de mérito aos alunos, seja porque tem alguma ação para com os colegas, vai ao encontro da promoção da ajuda e tudo mais e não se passar despercebida.”

Na questão relacionada com os técnicos existentes na escola no combate às necessidades dos alunos a professora Magda Abelho refere que os profissionais que constituem o Agrupamento articulam de uma forma prática para resolver os problemas que surgem. Refere ainda os quatros grupos que desenvolvem o trabalho em parceria, o técnico de ação social, psicóloga, diretores de turma e direção:

“[...] Estou a falar nomeadamente do técnico da ação social, da psicóloga e principalmente os diretores de turma juntamente com a direção, que acabam por fazer estes 4 grupos, acabam por articular de uma forma praticamente diária e em que conforme

as necessidades são encaminhados para quem há essa necessidade e há uma articulação muito fluida entre todos os membros.”

A última questão foi relativamente a propostas para melhorar a inclusão na escola na qual a professora respondeu prontamente que o aumento de técnicos especializados na escola, iria ajudar a implementar o que já é realizado na escola no que concerne à inclusão dos alunos:

“[...] O de estarmos limitados a uma único assistente social e a uma única psicóloga, limita o apoio que é prestado, se tivéssemos um maior número obviamente que aquilo que já é feito eu acho que é bem feito, poderia, era ser feito durante mais tempo e de uma forma mais intensa, ou seja, o acolhimento que nós fazemos o acompanhamento a sala que se pretende que seja feito, a orientação por parte do assistente social e tudo mais, acaba por se cingir mais em particular aos primeiros dias que o aluno vem, se houvesse um maior número de recursos humanos, este acompanhamento poderia ser mais prolongado no tempo e poderia ser mais intenso”

Em síntese, na entrevista com a professora Magda Abelho, subdiretora do agrupamento escolar, foram discutidos diversos desafios relacionados com o ambiente sociocultural da escola. Magda destacou a imigração dos PALOP e do Brasil, além da chegada de alunos de países asiáticos e muçulmanos, como fatores que contribuem para a crescente complexidade multicultural. Segundo a própria, a barreira linguística é o maior desafio, apesar das novas tecnologias facilitarem a superação dessa dificuldade.

A professora referiu ainda que os recursos educacionais disponíveis na escola, embora variados, por vezes chegam tardiamente, o que dificulta o atendimento das necessidades específicas dos alunos no início do ano letivo. Foram ainda destacados pela positiva os projetos o Ubuntu e o PIV, que visam desenvolver as competências sociais dos alunos, destacando o trabalho articulado entre o técnico de ação social, a psicóloga, diretores de turma e a direção para atender às necessidades dos estudantes.

A segunda entrevistada, a professora Eulália Martins, é diretora de uma turma do 3º ciclo. A entrevista que nos concedeu, foi realizada no Gabinete de Assistente Social no dia dezassete de maio de dois mil e vinte e quatro, foi usado um guião com cinco questões

fundamentais (cf. apêndice 2) para tentar obter o seu ponto de vista sobre o ambiente sociocultural da escola.

A primeira questão remete para uma tentativa de conhecer os maiores desafios vividos por esta professora (cf. apêndice 6A). A professora Eulália refere que o grande desafio é reconhecer as diferenças culturais, e que os alunos não dominam o francês, tendo de adaptar os conteúdos aos diferentes alunos:

“[...] Perceber que há também essas diferenças culturais, que temos muitas vezes ter em conta, na forma de abordagem, da falta também de conhecimento que alguns têm e o maior de todos quanto a mim, é ter um nível raso de nível de língua, portanto eles nunca tiveram francês, para mim este é o maior desafio, porque eu tenho de adaptar o nível em função do resto da turma se encontra, portanto obriga-me a uma ginástica e a dinâmicas muito mais diversificadas e personalizadas.”

A segunda questão pede para a professora identificar algumas necessidades relativamente ao processo administrativo na qual a Professora Eulália Martins refere ser necessário mais coadjuvações e apoio personalizado a mais disciplinas. É importante o aumento dos professores de Educação Especial e dos Técnicos Especializados na escola:

“[...] Eu acho que era fundamental para uma aprendizagem mais eficaz e mais personalizada haver por exemplo uma coadjuvação em mais do que uma disciplina, seja tanto a nível mais prático como a educação física, a educação visual ou oficina de artes, bem como das línguas ou de outras disciplinas. Outra falta que eu verifico e devido ao volume de trabalho, porque funcionamos como um agrupamento, era termos a mais do que dois professores para o ensino especial, mais do que uma psicóloga e mais do que um assistente social”

Na terceira questão a professora Eulália Martins foi questionada em relação a projetos que contribuem de forma positiva para as diferenças sociais na qual a mesma refere:

“[...] Eu iria dizer o clube Ubuntu, parece que de uma forma um bocadinho camuflada, acho que acaba por fazer com que os alunos tenham um espaço onde se sintam eles próprios e com o desenrolar das próprias sessões nós verificámos que eles também se vão soltando um pouco mais. Eu acho que também a presença do assistente social e da

psicóloga contribuem para que os alunos possam recorrer a essas entidades, para poder resolver, ou mesmo que não seja para resolver pelo menos ter um sítio onde possam, abordar determinadas questões.”

A quarta questão é sobre o trabalho realizado entre todos os profissionais na qual a professora Eulália Martins refere que a articulação é realizada através de documentos oficiais, mas que o primeiro contato é pessoal, o que ajuda no seguimento do trabalho:

“[...] Fazemos levantamento e encaminhamos diretamente para que as coisas fiquem de facto oficializadas, mas o primeiro contato é sempre pessoal e acho que ainda bem, é mais fácil para todos e para conseguirmos encaminhar e os técnicos poderem orientar melhor o seu trabalho.”

A última questão a professora Eulália quando questionada sobre propostas para melhorar a inclusão da escola refere que:

“[...] Era termos mais técnicos para poder orientar de uma forma mais eficaz e mais célere. Muitas vezes os meios não nos são dados e, portanto, as pessoas acabam por trabalhar da sua boa vontade e sendo de facto muito profissionais, porque os casos acabam por ser sempre prioritários.”

Deste modo podemos concluir que na entrevista com a professora Eulália Martins, diretora de uma turma do 3º ciclo, foram mencionados vários desafios relacionados ao ambiente sociocultural da escola. A professora referiu como um dos maiores desafios, lidar com as diferenças culturais e o baixo domínio do francês por parte dos alunos imigrantes, obrigando a uma adaptação constante face aos conteúdos bem como a diversificação das metodologias de ensino.

A professora Eulália enfatizou a necessidade de mais coadjuvações e apoio personalizado em diversas disciplinas e mencionou a importância de aumentar o número de professores de Educação Especial, Psicólogos e Assistentes Sociais na escola para uma aprendizagem mais eficaz. Além disso, reforçou ainda, o impacto positivo do clube Ubuntu, que proporciona aos alunos um espaço para se expressarem. Ela comentou que, embora a articulação entre os profissionais seja oficializada por documentos, o contato inicial é pessoal, o que facilita o acompanhamento do trabalho.

Por fim, sugeriu que a inclusão na escola poderia ser melhorada com o aumento de técnicos especializados, para permitir um atendimento mais eficaz e ágil.

A terceira entrevistada, a Professora Sandrine Correia, coordenadora de acompanhamento dos comportamentos e atitudes do Agrupamento de Escolas D. João I. A entrevista foi realizada no Gabinete do Assistente Social no dia dezassete de maio de dois mil e vinte e quatro, foi usado um guião com cinco questões fundamentais (cf. apêndice 2) para tentar obter o seu ponto de vista sobre o ambiente sociocultural da escola.

A primeira questão remete para uma tentativa de conhecer os maiores desafios por esta professora (cf. apêndice 7 A). A professora Sandrine refere ser importante estar atento a todas as diferenças culturais existentes dentro de uma sala de aula para que todos se sintam respeitados:

“[...] Basicamente estás muito atento às necessidades de cada um e respeitar primeiro as necessidades de cada. Ouvir o aluno ouvir e ouvir não é só ouvir efetivamente é ouvir com os olhos, mas ver com a tua audição e estás atenta a todas as diferenças que ele efetivamente manifesta que às vezes não são só também a nível de cultura.”

Quando questionamos a professora Sandrine relativamente aos recursos educacionais e suporte administrativo a mesma destaca as dificuldades dos Encarregados de Educação em obter ajuda e que alguns professores demonstram dificuldade em ajudar os alunos dependendo da sua origem:

“[...] eu acho que alguns pais têm muitas dificuldades, chegam aqui com algumas dificuldades e não sabem muito bem por onde se virar e não sei se serão todos muito bem encaminhados, por vezes eu sei que tem assistente social que os ajuda em várias situações e que são encaminhados para lá e agora até recentemente os alunos para instalações de coisas naquelas dúvidas a nível dos computadores.”

A terceira questão aborda os projetos que contribuem para o sucesso escolar dos alunos, na qual a professora Sandrine refere os projetos que contribuem para as diferenças culturais sendo eles, o Ubuntu e o PIV:

“[...] Então o primeiro que eu vou muito honestamente apontar é o Ubuntu, apesar de não incluir todos os alunos, mas os alunos que estão integrados no projeto se calhar não são esses alunos de português língua não materna ou alunos que vêm e que

precisavam ali de uma mãozinha, não sei se estou errada ou não, mas eu acho que é assim, no entanto todas as atividades que são promovidas através do projeto

A quarta questão é sobre o trabalho realizado entre todos os profissionais na qual a professora refere quem são os profissionais que a compõem:

“[...] Existe uma equipa técnica, existe o assistente social, existe efetivamente a psicóloga, existe depois a direção que faz parte da equipa técnica obviamente, existe a coordenação de português, língua não materna, que também tem que estar inserida aí nessa equipa técnica na minha opinião”

Relativamente à última questão da entrevista, a professora Sandrine teve a oportunidade de expor algumas propostas para melhorar a inclusão na escola. A professora Sandrine refere que o projeto implementado no presente ano letivo o PIV, deverá ter continuidade, uma vez que trabalha a inclusão e a interculturalidade:

“[...] Acho que o projeto que existe, o PIV engloba todos os outros projetos por isso acho que faz sentido ele existir e continuar a existir obviamente sem o assistente social vai ser difícil ele continuar vivo.”

Em suma na entrevista, a professora Sandrine Correia destacou que o maior desafio é respeitar as diferenças culturais e necessidades individuais dos alunos. Evidenciou ainda que muitos encarregados de educação enfrentam dificuldades em obter ajuda, embora haja um grande suporte por parte do Assistente Social.

A professora Sandrine destacou também a relevância dos projetos Ubuntu e PIV como relevantes para a melhoria da inclusão e interculturalidade, no entanto reconheceu que nem todos os alunos são abrangidos. Mais uma vez foi destacada a importância da equipa técnica, incluindo o Assistente Social, a Psicóloga e a coordenação de português-língua não materna para a inclusão escolar.

A quarta entrevistada é a Professora Maria José coordenadora dos diretores de turma, bem como diretora de turma do segundo ciclo do Agrupamento de Escolas D. João I. A entrevista foi realizada no Gabinete do Assistente Social no dia vinte de maio de dois

mil e vinte e quatro, foi usado um guião com cinco questões fundamentais (cf. apêndice 2) para tentar obter o seu ponto de vista sobre o ambiente sociocultural da escola.

A primeira questão remete para uma tentativa de conhecer os maiores desafios por esta professora (cf. apêndice 8 A). A professora Maria refere que o grande desafio passa pelo elevado número de alunos existentes dentro da sala de aula. Os alunos procuram muito a atenção do professor independentemente da sua nacionalidade:

“[...] É o facto de termos às vezes muitos alunos em sala de aula, neste momento só nas turmas de quinto é que isso não acontece e nessas turmas em que isso não acontece o desafio é mesmo a compreensão dos outros para com o trabalho que tem que ser desenvolvido de forma diferente, porque neste momento todos precisam de ajuda e eles não compreendem [...]”

Quando questionamos a professora Maria relativamente aos recursos educacionais e suporte administrativo a mesma refere:

“[...] Nós temos alunos que vêm de fora que são excelentes alunos e muito inteligentes, faltava haver aqui uma dinâmica diferente de integração. Um grupo de professores que fizessem a integração destes alunos e começassem primeiro por aí a ter aulas de parte da turma e depois é que era integrado na turma ou pelo menos nas práticas estarem juntos, mas nas teóricas haver um grupo mais reduzido, tipo um apoio mais individualizado”

A terceira questão aborda os projetos que contribuem para o sucesso escolar dos alunos, na qual a professora Maria destaca dois projetos que desenvolvem ativamente o trabalho com os alunos relativamente às diferenças culturais, o Ubuntu e o PIV:

“[...] O Ubuntu acho que é o principal, depois é o PIV, eu tenho pena é que o PIV passe despercebido porque há muitas coisas que são feitas e que não são visíveis, ou as pessoas não querem ver, porque é um projeto que pode ser articulado com tanta gente e articula com tanta gente que às vezes é mais fácil não ver porque assim os outros não são reconhecidos pelo trabalho que têm.”

A quarta questão é sobre o trabalho realizado entre todos os profissionais na qual a professora Maria referiu o trabalho da direção na resposta imediata às situações que acontecem. O papel da psicóloga e do assistente social na resolução das situações.

Destacou o papel de todos os intervenientes e da facilidade existente que os professores têm no contato direto com todos os profissionais:

“[...] Nós articulamos todos muito bem uns com os outros, na direção temos a porta sempre aberta, aquilo que é necessário vamos lá diretamente e aquilo é que conseguem ajudar no imediato, temos respostas imediatas, nomeadamente algumas carências sociais já aí foram diagnosticadas e a própria direção tomou a iniciativa com o Assistente Social de se pedir bens monetários ou materiais para ajudar as famílias.”

A última questão foi relativamente a propostas para melhorar a inclusão na escola na qual a professora respondeu que é necessário realizar diversas atividades que envolvam as diferentes culturas existentes na escola, para que os alunos se sintam que a escola reconhece e respeita os seus costumes:

“[...] Acho que se calhar no início do ano poderia ser feito ao meio do ano porque há muitos miúdos que chegam mais tarde algo mesmo direcionado para a multiculturalidade e não temos assim grandes atividades a não ser pelos projetos que envolve a escola toda e eu acho que isso é que era importante, por exemplo esta é a semana de uma nacionalidade qualquer à nossa escolha ou o fazer por semanas ou por dias qualquer coisa para essas crianças sentirem que também pensam neles que eles fazem parte da nossa comunidade escolar.”

No sentido de sintetizar a entrevista à professora Maria José, coordenadora dos diretores de turma, foi essencialmente destacado que o maior desafio se prende com o elevado número de alunos por sala, o que dificulta a atenção individualizada, independentemente da nacionalidade dos estudantes.

A professora sugeriu uma integração mais gradual para alunos estrangeiros, com turmas menores para aulas teóricas, com vista a possibilitar um apoio mais individualizado. Quanto aos projetos, destacou o Ubuntu e o PIV como fundamentais para o sucesso escolar, mas lamentou que o PIV passe despercebido apesar de seu impacto. A professora Maria José elogiou a articulação eficaz entre os profissionais da escola, mencionando a resposta rápida da direção, do Assistente Social e Psicóloga nas situações de necessidade. No que se refere a melhorar a inclusão, propôs a realização de mais

atividades culturais ao longo do ano, destacando e respeitando as diferentes culturas presentes na escola, para que todos os alunos se sintam valorizados.

A quinta entrevistada é a Professora Cristina Pereira que trabalha como professora titular do primeiro ciclo do Agrupamento de Escolas D. João I. A entrevista foi realizada no Gabinete do Assistente Social no dia vinte de junho de dois mil e vinte e quatro, foi usado um guião com cinco questões fundamentais (cf. apêndice 2) para tentar obter o seu ponto de vista sobre o ambiente sociocultural da escola.

A primeira questão remete para uma tentativa de conhecer os maiores desafios por esta professora (cf. apêndice 9 A). A professora Cristina refere que o grande desafio passa pela dificuldade na barreira linguística e da falta de recursos humanos para apoiar os alunos.

“[...] Um dos grandes desafios para ambos prende-se com a barreira linguística e com a falta de recursos humanos nas escolas para, efetivamente, apoiarem estes alunos que, frequentemente, chegam do estrangeiro, muitas vezes, já num 2.º ou mesmo no 3.º período.”

Quando questionamos a professora Cristina relativamente aos recursos educacionais e suporte administrativo a mesma refere:

“[...] Eu apontaria, por exemplo, a nível da formação, a área do português, língua não materna e a nível administrativo, a escola ter acesso ao histórico de vida, contexto social, preferências e habilidades dos alunos.”

A terceira questão aborda os projetos que contribuem para o sucesso escolar dos alunos, na qual a professora Cristina aponta para dois projetos o PIV e o Ubuntu.

A quarta questão procurou-se saber sobre a equipa técnica e de como consegue responder às necessidades sociopedagógicas dos alunos na qual a professora Cristina refere ter conhecimento do projeto PIV, como um projeto bastante amplo e que desenvolve com os alunos um trabalho importante relacionado com as suas competências sociais:

“[...] tenho conhecimento de algumas práticas realizadas por professores do agrupamento que fazem parte do “Projeto Intervir e Valorizar”, inclusivamente já tiveram

algumas participações junto da minha atual turma e que, para mim, faz todo o sentido, pois um dos pilares da Escola é a Educação em Valores, aspeto que considero fundamental, desde muito cedo”

Quanto a propostas para melhorar a inclusão na escola, esta professora refere o seguinte:

“Para melhorar a inclusão na escola, na minha opinião, deveria existir: momentos de acolhimento a alunos, principalmente, vindos do estrangeiro; mais profissionais para apoio a alunos/professores/famílias;- promoção de convívio social dentro da comunidade escolar;- diálogo aberto sobre as diferenças, bem como o respeito por aqueles com diferentes habilidades, origens culturais e necessidades especiais” salientando e reconhecendo a importância das equipas multidisciplinares a trabalhar na escola conjuntamente com os professores.

Como forma de concluir, durante a entrevista à professora Cristina Pereira, a mesma destacou a barreira linguística e a falta de recursos humanos como os maiores desafios no apoio a alunos estrangeiros. Foi mencionada a importância de formação em português como língua não materna e o acesso ao histórico dos alunos.

A professora Cristina elogiou os projetos PIV e Ubuntu, que segundo a própria promovem competências sociais e valores. Para melhorar a inclusão, sugeriu mais apoio profissional, momentos de acolhimento para alunos estrangeiros e diálogo sobre diferenças culturais e necessidades especiais.

As entrevistas realizadas a várias docentes do agrupamento revelam desafios comuns relacionados à inclusão escolar, especialmente a barreira linguística e a falta de recursos humanos. Os projetos PIV e Ubuntu foram sempre mencionados e identificados como ferramentas importantes para promover as competências sociais e interculturalidade, mas precisam de maior visibilidade e abrangência. As professoras destacam a boa articulação entre profissionais, mas apontam a necessidade de mais apoio especializado para a concretização do objetivo comum: criar um ambiente escolar mais inclusivo e adaptado às necessidades de todos.

Após as entrevistas aos professores já apresentados e cujas transcrições e análises podem ser vistas nos apêndices 5, 5A, 6, 6A, 7, 7A, 8, 8A, 9, 9A, passámos às entrevistas com os alunos (cf. apêndice 3)

A primeira aluna entrevistada foi a Matilde Lima que se encontra matriculada no nono ano de escolaridade no Agrupamento de Escolas D. João I. A entrevista foi realizada no Gabinete do Assistente Social no dia vinte de maio de dois mil e vinte e quatro, foi usado um guião com seis questões fundamentais (cf. apêndice 3) para tentar obter o seu ponto de vista sobre o ambiente sociocultural da escola.

A primeira questão remete para uma tentativa de conhecer os maiores desafios por da aluna na forma de aprender (cf. apêndice 10 A). A aluna Matilde Lima, evidencia não ter dificuldades no ambiente escolar, pois considera-se uma pessoa “neutra”. No que se refere ao bem-estar emocional, admite ser seguida em psicologia fora do contexto escolar:

“[...] No ambiente escolar não tenho muitos problemas porque sou uma pessoa muito neutra e dou-me bem geralmente e quanto ao bem-estar emocional, fora da escola tenho apoio de psicóloga[...].”

Quando questionada sobre onde a escola pode melhorar para responder às suas necessidades enquanto aluna, destaca como ponto a melhorar alguns equipamentos específicos nomeadamente nas salas de laboratório:

“Eu acho que podiam ter melhores equipamentos, por exemplo, um laboratório melhor[...].”

A terceira questão abordou de que maneira os professores e a comunidade educativa contribuem para a inclusão referindo o seguinte:

“[...] devido a você, eu estou no Ubuntu e consegui conhecer pessoas novas e tive novas experiências e então, eu acho que isso também ajudou, mas eu sou uma pessoa que consegue integrar com facilidade.”

A questão seguinte foi relacionada com os projetos da escola que promovem positivamente a inclusão na escola, que para a aluna Matilde é o Ubuntu, pois contribui para trabalhar vários aspetos académicos e de inclusão. Segundo a própria a semana

Ubuntu teve um impacto positivo e fê-la encarar várias situações com uma nova perspectiva:

“O Ubuntu, porque o ubuntu faz com que as pessoas sejam melhores, mas isso é apenas para as pessoas que valorizam toda a semana porque por exemplo para mim fez impacto e agora posso ver as coisas com uma certa perspectiva que eu antes não via e acho que se toda a gente tivesse esta experiência podia ajudar muita gente”

Quando questionada sobre a relação entre os alunos e professores para um ambiente escolar mais inclusivo a aluna informa que nem sempre existe uma boa relação entre professores e alunos e que isso a deixa desconfortável, pois do seu ponto de vista é importante o respeito para com os mais velhos:

“Eu acho que devia haver uma boa relação entre todos porque hoje em dia há muita falta de respeito e quando vejo isso incomoda-me muito, até porque tenho muito respeito por quem é mais velho que eu [...]”

Relativamente à última questão sobre se a escola funciona bem só com professores ou se os técnicos são importantes para a aprendizagem dos alunos a Matilde reforça a importância de existir outros técnicos na escola como a Psicóloga e o Assistente Social:

“É sempre bom ter mais gente, quando você e a psicóloga vieram mudou muita coisa para melhor. Muita gente precisa de falar com alguém e temos a psicóloga e também o temos a você.”

Em síntese a aluna destaca algumas dificuldades, mencionando que nem sempre compreende as explicações dos professores, pois abordam temas mais complexos. No entanto, afirma que, no ambiente escolar, tem um ótimo relacionamento com os colegas e professores e refere ter apoio de uma psicóloga fora da escola para trabalhar o seu bem-estar emocional.

Sobre a infraestrutura escolar, sugere melhorias, especialmente na qualidade dos laboratórios. Quanto à experiência de integração, destaca a importância do projeto Ubuntu, que a ajudou a conhecer novas pessoas e viver novas experiências. Para a aluna, o Ubuntu é um fator positivo que contribui para o desenvolvimento pessoal e que poderia beneficiar mais pessoas num futuro próximo.

A aluna Matilde revelou alguma preocupação com a falta de respeito entre alunos e professores. Refere que um diálogo mais aberto poderia melhorar as relações. Enfatiza a importância de haver limites entre alunos e professores, especialmente quando alguns se aproveitam de uma postura mais descontruída dos professores.

Por fim, a aluna valoriza a presença de mais profissionais especializados na escola, como a psicóloga e assistente social, que fazem a diferença no ambiente escolar, permitindo um suporte emocional para os alunos que necessitam.

A sexta entrevistada é a aluna Kayana Barbosa que se encontra matriculada no oitavo ano de escolaridade no Agrupamento de Escolas D. João I. A entrevista foi realizada no Gabinete do Assistente Social no dia trinta e um de maio de dois mil e vinte e quatro, foi usado um guião com seis questões fundamentais (cf. apêndice 3) para tentar obter o seu ponto de vista sobre o ambiente sociocultural da escola.

A primeira questão remete para as dificuldades na escola na forma como se relaciona e como aprende (cf. apêndice 11 A). A aluna Kayana Barbosa destaca o ambiente escolar como positivo, contudo na sua opinião existem alguns comentários maldosos:

“[...] Em relação ao ambiente escolar eu acho que é bom, depende de algumas pessoas, eu acho que tem algumas pessoas que fazem comentários maldosos [...]”

A segunda questão é sobre como a escola pode melhorar para responder às necessidades enquanto aluna e pessoa, na qual a aluna Kayana Barbosa refere ser importante a escola organizar um momento de convívio para que os alunos possam estabelecer um contacto direto:

“[...] No logo no início a escola organizar alguma apresentação no auditório que é para apresentar não todos assim de uma maneira geral que é para fazer os novos alunos também sentir a sentirem-se mais incluídos”

Relativamente aos projetos que mais desenvolvem um trabalho inclusivo na escola a aluna Kayana Barbosa refere:

“Eu acho que é o projeto Ubuntu porque ensina os alunos a colocarem se no lugar dos outros a sentir mais empatia e a calçar os sapatos dos outros e a tentar compreender

mais o ponto de vista das outras pessoas eu acho que isso é importante que é para que para o futuro e para nós conseguirmos entender mais o que é para nós conseguirmos entender um bocadinho, como é que as coisas realmente funcionam.”

Quando questionada acerca da relação entre alunos, professores e direção escolar para um ambiente positivo e inclusivo a aluna Kayana Barbosa refere que alguns professores preocupam-se com os alunos, mas gostaria que alguns docentes tivessem sensibilidade para abordarem assuntos pessoais no final da aula:

“[...] Eu acho que se alguns professores, vou dar um vou dar um exemplo, tem alguns professores que percebem que algum aluno não está em condições na aula na sala de aula, não está na mesma disposição de sempre e questionam em público o que é que está a passar [...]”.

A última questão é sobre se a escola funciona bem só com professores ou se os técnicos têm um papel importante na comunidade escolar, a aluna refere que a escola necessita de mais funcionários, uma vez que muitas vezes devido à falta dos mesmos, os alunos não conseguem resolver algumas situações:

“[...] eu acho também que podíamos ter mais alguns funcionários, porque às vezes quando alguns alunos precisam de alguma coisa não encontramos funcionários nos blocos e não facilita.”.

Como forma de concluir, a aluna considera que alguns professores não têm paciência para esclarecer algumas dúvidas dos alunos, o que influencia o relacionamento em sala de aula. Apesar disso, considera o ambiente escolar bom.

A aluna sugere que a escola poderia organizar atividades no início do ano letivo para integrar melhor os novos alunos e explica que, na sua experiência, o apoio do assistente social e da direção foi essencial nos momentos difíceis, tanto em questões pessoais quanto aos resultados escolares.

O projeto Ubuntu é elogiado por trabalhar empatia e ajudar os alunos a entenderem o ponto de vista dos outros, algo que a aluna considera fundamental para o futuro.

Por fim, sugere que a escola deveria melhorar o suporte técnico para ajudar na aplicação dos manuais digitais e aumentar o número de funcionários, já que às vezes não há profissionais disponíveis quando os alunos precisam de ajuda.

Após as entrevistas aos alunos, a Matilde e Kayana que nos sublinham o trabalho desenvolvido na escola, com algumas sugestões para melhorar o ensino, bem como pontos positivos de alguns projetos, seguiu-se a entrevista à Dona Monica, uma Encarregada de Educação e Presidente da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas D. João I. A entrevista foi realizada no Gabinete do Assistente Social no dia onze de junho de dois mil e vinte e quatro, foi usado um guião com cinco questões fundamentais (cf. apêndice 4) para tentar obter o seu ponto de vista sobre o ambiente sociocultural da escola.

A primeira questão remete para uma tentativa de conhecer as maiores preocupações desta Encarregada de Educação relativamente à educação dos seus educandos (cf. apêndice 12 A). A Encarregada de Educação Mónica refere como principal preocupação na educação dos seus filhos a integração dos mesmos. No seu ponto de vista a aprendizagem não surge como um fator de preocupação:

“[...] a minha preocupação é acima de tudo a integração deles porque acho que a escola é muito mais do que do que a avaliação das notas e tenho tido a experiência em relação a isso, mas se esses termos são muito gerais a minha preocupação é assim a nível de aprendizagem não tenho nada a dizer, eles têm sido até agora não tenho nada a dizer em relação a aprendizagem.”

A segunda questão é relacionada com propostas de melhoria no sentido de aproximar os Encarregados de Educação à escola, a Monica reforça a importância de a escola promover mais a comunicação entre a escola e os Encarregados de Educação, no entanto reconhece que o procedimento não é fácil uma vez que sempre que existem tentativas não aparecem todos os Encarregados de Educação. Deste modo, responsabiliza em parte, o papel da Associação de pais:

“[...] Acho que era importante esse papel da escola promover muito mais a comunicação entre os pais e a própria escola já faz através da associação de pais, seria mais fácil, mas acho que muitos pais nem sequer sabem que existe uma associação de pais se calhar também é responsabilidade da associação de pais, mas é não há muita gente interessada.”

Relativamente à opinião entre a escola e os pais, a Mónica, destaca o seu papel enquanto representante dos Pais na turma da sua educanda e como presidente da Associação de Pais, onde evidencia as dificuldades em estabelecer e manter contactos com os restantes Encarregados de Educação, no sentido em que as suas correspondências são frequentemente ignoradas. A Encarregada de Educação afirma haver pouco envolvimento por parte dos restantes Encarregados de Educação:

“[...] Sou representante dos pais da turma da Glória, nos e-mails que nós enviamos para os outros encarregados de educação a dar informações das reuniões intercalares, não tenho absolutamente nenhuma resposta, nem os e-mails que se enviam a dizer que vai haver uma reunião intercalar tem alguma questão a colocar que nós podemos falar com os professores é totalmente ignorada, portanto no geral é isso que eu sinto na minha experiência pessoal [...]”

Quando questionada acerca de projetos inclusivos implementados no Agrupamento de Escolas D. João I, a Monica destaca a importância dos projetos: Clube Ubuntu e a Loja Social, como meios efetivos de integração e acolhimento na escola. A mesma reforça a questão da pandemia, que trouxe vários obstáculos à questão social e de integração, após muito tempo isolados e as dificuldades sentidas sobretudo dentro das famílias:

“O Ubuntu e a Loja Social.[...] Eu acho que a escola faz um bom trabalho honestamente, mas também viemos de um contexto de pandemia que eu penso que possa ter influenciado [...] É mais um obstáculo de tantos outros que as escolas se deparam para poder chegar para poder fazer o tal trabalho de integração e de inclusão é um trabalho que se tornou muito mais difícil com a pandemia porque tornou-se mais difícil chegar aos miúdos pois nem sempre, é culpa dos encarregados de educação a pandemia também provocou muitas mudanças no seio familiar.”

A última questão remete para a opinião sobre as diferenças culturais existentes na escola, referindo:

“[...] Há muita multiculturalidade na escola sim, mas vejo isso como um ponto muito positivo. Se calhar é necessário cada vez mais a necessidade de haver projetos que trabalhem esta inclusão cultural. Verifico pela experiência de turmas dos meus 3 filhos que há claramente uma diferença grande entre principalmente o mais novo e a mais velha,

ou seja, os meus filhos mais novos estão inseridos em turmas onde existe maior interculturalidade.”

É de salientar de toda a conversa/entrevista que tive com a Encarregada de Educação à atenção que ela dedica e como principal preocupação que considera é a integração dos alunos na escola, destacando que a educação vai além das notas. Embora não tenha críticas sobre o ensino dos filhos, a mesma acredita que a integração dos alunos é uma ferramenta fundamental.

A Mónica sugere que a escola pode e deve melhorar a comunicação com os encarregados de educação, ressaltando a dificuldade em comunicar com alguns pais nas reuniões. Como representante de pais, percebe a falta de envolvimento e interesse dos outros encarregados de educação, considerando existir um desafio nesta relação entre pais e escola.

A Mónica reconhece ainda uma diferença no envolvimento dos pais ao longo dos anos, observando que, com o tempo, houve uma diminuição do interesse dos encarregados de educação em participar ativamente na vida escolar dos filhos.

Sobre a escola, a Mónica elogia os projetos Ubuntu e a Loja Social, destacando que a pandemia afetou a comunicação e socialização, tornando o trabalho de integração mais difícil. No entanto, acredita que a escola faz um bom trabalho, apesar dos obstáculos criados pela pandemia.

Por fim, menciona que a escola tem uma grande diversidade cultural e vê isso de uma forma positiva, percebendo que os filhos, especialmente o filho mais novo, está integrado numa turma multicultural. A Mónica acredita que os projetos que trabalhem a inclusão são importantes para o bem-estar psicossocial dos alunos.

CAPÍTULO – 3

Planificação das atividades Socioeducativas da equipa Multidisciplinar

Tal como dissemos na introdução, este projeto de investigação e de intervenção deu continuidade a algumas atividades de índole intercultural que se vinham a realizar desde há dois anos atrás. Após o diagnóstico que apresentamos no capítulo anterior, usando fundamentalmente a escuta ativa para captar as vozes dos protagonistas da escola, foram planificadas outras atividades enquadradas no projeto educativo do agrupamento e para implementar de uma forma mediadora, com todos e para todos (Vieira e Vieira, 2016; Vieira, A, 2016; Vieira, R., 2011)

Adiante apresentamos algumas dessas atividades através de um cronograma.

Tendo como referência o Projeto Educativo do Agrupamento, “é fundamental estabelecer e pôr em prática as estratégias que permitam que uma escola possa ser efetivamente considerada como uma ESCOLA DE CIDADÃOS, na qual se promova uma intransigente cultura de valores como base para a vida, promovendo a equidade social e criando condições para a concretização da igualdade de oportunidades para todos. Palavras como responsabilidade, solidariedade, amor, amizade, entrega e entajuda deverão ser encaradas como uma constante na formação dos nossos alunos, a qual tenderá a ser complementada pelo rigor no ensino das matérias curriculares, pelo apoio a conceder a cada aluno e pelo relacionamento saudável e inquestionável entre docentes e alunos.”

A equipa é composta por quatro elementos: A Professora Coordenadora dos Comportamentos e Atitudes, a Professora Coordenadora dos Diretores de Turma, a Professora Presidente do Conselho Geral e pelo Assistente Social do Agrupamento, coordenador do projeto em estudo.

Professora Coordenadora de Acompanhamento dos Comportamentos e Atitudes tem como função verificar semanalmente o número de ocorrências e comunicar com a equipa a necessidade de uma intervenção com alunos/turma;

Professora Presidente Conselho Geral tem como função planificar atividades em parceria com outros projetos da escola;

Professora Coordenadora do Diretores de Turma tem como função trabalhar juntos dos professores reforçando a importância do projeto e que todos trabalhem em parceria. A professora contacta diversas entidades externas para a angariação de produtos para os alunos.

Assistente Social tem como função trabalhar estritamente com todos os elementos, supervisionando o trabalho desenvolvido. Desenvolve mediações com turmas e alunos sempre que exista um conflito. Desenvolve e aplica atividades com os elementos da equipa e com as turmas propostas.

O projeto é essencial para o desenvolvimento de uma escola intercultural, sendo importante o papel de cada um dos intervenientes na implementação do projeto.

MÊS	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Setembro	Atividades Interculturais
Outubro	Atividades Interculturais
Novembro	Atividades Interculturais
Dezembro	Atividades Interculturais
Janeiro	Atividades Interculturais
Fevereiro	Ação de sensibilização sobre a importância da Empatia
Março	Ação de formação de professores
Abril	Atividades Interculturais
Maio	Sessão de Sensibilização para funcionários da escola
Junho	Atividades Interculturais
Julho	Arraial Atividade

Tabela 2 - Atividades Desenvolvidas pelo Projeto PIV

Fonte: Construção do Investigador

Considerando que este trabalho final de mestrado na área da mediação intercultural e intervenção social, realizado numa escola “Agrupamento de escolas D. João I”, é um projeto de intervenção social e não tanto um projeto de dissertação, pretendo apresentar de seguida as etapas fundamentais que irão alimentar este projeto que durará quatro anos e de que se apresentará neste relatório apenas a primeira etapa, a do diagnóstico e outras propostas para a planificação, aplicação e avaliação que, naturalmente, só poderão ser apresentadas e avaliadas no final da implementação do projeto. Assim, neste relatório, são enumeradas algumas das atividades, mas em profundidade só irão ser apresentadas essencialmente como foi feito o diagnóstico e o que mostra o diagnóstico em termos de diversidade sociocultural no Agrupamento de Escolas D. João I, onde tenho realizado trabalho de campo e onde sou Assistente Social.

Para a elaboração desta planificação que irá ser feita após o término da UC de Seminário de Acompanhamento e que se desenrolará, portanto, após a revisão da literatura e, portanto, a partir de fevereiro de dois mil e vinte e quatro e até trinta de setembro de dois mil e vinte e quatro, será feito com base na obra de Glória Pérez Serrano (2008) designada por “Elaboração de Projetos Sociais: Casos Práticos”.

De acordo com esta autora, um projeto de intervenção social começa por fazer um diagnóstico de necessidades. No meu caso, este diagnóstico de necessidades será sempre feito com os sujeitos com quem trabalho para que a investigação seja ela também mediadora, ou seja, não seja feita apenas pelo investigador, neste caso Miguel Marques, Assistente Social a vestir a capa do investigador, mas será feita com ele e com todos os sujeitos que habitam este território educativo referido anteriormente. Depois de realizado este diagnóstico, apresentaremos algumas ideias, alguns microprojectos, dentro deste grande projeto de intervenção socioeducativa na escola que mostram o poder educativo, e, portanto, o poder da intervenção socioeducativa na inclusão, integração e convivência dos migrantes e de todas as diferentes culturas nesta escola e não tanto aquilo que designamos por intervenção resolutiva que acontece apenas quando aparece um problema grave na escola que de alguma forma tem antecedentes na cultura dos familiares ou no contexto social de onde vêm. Daremos conta também do cronograma que utilizaremos; quer dizer, quando é que iremos fazer estas etapas de implementação do projeto, sendo que uma ou outra já está a decorrer, designada “Ação de sensibilização para Encarregados

de Educação” e que consistem em sensibilizar os Encarregados de Educação sobre comportamentos a evitar em situações de conflito/ tensões. As ações têm como objetivo a divulgação do projeto e do papel importante que a Escola Segura tem na comunidade escolar.

Finalmente, apresentaremos, de acordo com a mesma autora (Serrano, 2008) os instrumentos de avaliação que serão usados, efetivamente, nesta escola onde trabalho, daqui a mais ou menos 3 anos, para percebermos os pontos fortes e os pontos fracos desta intervenção socioeducativa e o que pensam/sentiram, professores, alunos, pais e outros técnicos socioeducativos sobre a intervenção em que formam envolvidos e que dei conta neste relatório final de mestrado.

Atividades em curso e propostas a serem desenvolvidas:

Ação de sensibilização sobre a importância da Empatia: Esta ação será realizada com as turmas do 1º ciclo e tem como objetivo promover o significado da empatia e promover a reflexão de todos, pensar a partir do ponto de vista do “outro”, e sentir com o “outro”.

Arraial Atividade: Premiar os alunos que se destacaram pelo seu comportamento, ou pelas suas notas com prendas doadas por empresas que aceitaram ajudar o projeto.

Ação de formação de professores: Sensibilizar os docentes sobre as diferenças culturais e dotá-los de técnicas para mediar/ gerir conflitos dentro e fora da sala de aula.

Atividades Interculturais: Promover a compreensão e respeito das diferentes culturas

- Desenvolver capacidades de comunicação intercultural.
- Alargar a consciência cultural.

- Fomentar empatia e tolerância.
- Combater preconceitos e estereótipos.
- Encorajar colaboração global.
- Desenvolver capacidades de resolução de conflitos interculturais.
- Promover a cidadania global.
- Enriquecer o currículo escolar da comunidade escolar com perspectivas interculturais.
- Criar um ambiente escolar inclusivo.

Sessão de Sensibilização para funcionários da escola: Sensibilizar os funcionários sobre as diferenças culturais e dotá-los de técnicas para gerir conflitos nos intervalos.

O projeto contempla uma monitorização, a qual incidirá numa escuta ativa dos diferentes intervenientes e na realização de entrevistas semiestruturadas a alunos, professores e encarregados de educação, no sentido de compreender a transformação que o projeto vai operando na cultura da escola e na construção de uma comunidade educativa mais intercultural e inclusiva.

A avaliação ocorrerá no final de cada ano letivo, baseada numa análise SWOT. Pretende-se a continuidade do projeto e a sua replicação nos anos subsequentes, promovendo-se a sua melhoria a cada ano letivo; tendo presente as melhorias na comunidade escolar. Será realizada uma avaliação findo quatro anos da sua implementação.

CAPÍTULO 4 - Aplicação-Execução: A intervenção socioeducativa e o desenvolvimento da Empatia nas Relações Interpessoais

Neste capítulo quatro, não é possível descrever todas as tarefas e projetos que a equipa multidisciplinar da qual eu faço parte, enquanto Coordenador e Assistente Social, esta a realizar. Damos ênfase como disse na introdução, ao diagnóstico e à planificação, mas também não gostaria de terminar este projeto que é sempre incompleto e demorado porque se trata de um projeto social que pode demorar dois ou três anos, sem dar conta de algumas atividades que têm tido mais eficácia e tem sido mais bem recebida pela comunidade escolar. Assim neste capítulo quatro, dedico-me a analisar com algum pormenor a atividade onde procuramos colocar a Empatia como motor fundamental da melhoria das relações interpessoais, entre alunos, entre professores, entre alunos-professores, entre alunos, professores e pais, buscando um trabalho sempre em equipa, o que implica uma mediação socioeducativa e uma mediação comunitária.

A educação escolar não pode tratar as tensões, conflitos problemas e a indisciplina, de uma forma meramente resolutive. A escola terá de ter preocupações preventivas e de transformação de comportamentos e atitudes, conducentes à escuta e à compreensão do outro para evitar choques de cultura e problemas sociais nos recreios, nas salas de aulas e no trajeto escola-casa. Por isso, o título que damos a este relatório, da intervenção social resolutive à Intervenção Socioeducativa, para isso não basta apenas uma preparação em educação intercultural e mediação intercultural de alunos, pais e professores. Para isso é também fundamental a escola não se centre na relação professores-alunos e crie cada vez mais espaços de integração de outros profissionais sociais a trabalhar conjuntamente com os professores (Vieira, A. 2016).

De seguida procuro descrever algumas dessas atividades com caráter preventivo, educativo e transformador das relações interculturais numa comunidade escolar que como vimos no capítulo 1 é muito multicultural. Procuro também mostrar como elas foram percebidas, compreendidas pelos diferentes atores envolvidos.

No início do ano letivo foi realizado um levantamento das necessidades das turmas do Agrupamento. O Assistente Social realizou 3 dinâmicas com todas as turmas do 3º ciclo para perceber quais as lacunas e potencialidades a serem trabalhadas em cada turma.

A primeira dinâmica intitulada “Apresenta-te”, funcionou como um “quebra-gelo” para as dinâmicas seguintes, pretendia dar a conhecer os alunos uns aos outros, mas essencialmente ao Assistente Social, que teve a possibilidade de observar diferentes personalidades ao permitir que cada aluno se apresentasse de forma livre e espontânea dizendo o que entendesse sobre si.

A segunda dinâmica denominada “Quem é Quem?” pretendia explorar a identidade do aluno de uma forma mais pormenorizada. O Assistente Social solicitou aos alunos que falassem sobre um dos colegas à vez. Numa primeira fase, referiu aos alunos que selecionou previamente várias fotografias dos alunos e o objetivo seria que cada um, de forma faseada, falasse sobre a pessoa que lhe tinha sido atribuída, no entanto, não poderia descrever características físicas, focando-se apenas na entidade da pessoa descrita salientando as características psicológicas. Acontece que em vez de ser mostrada uma imagem, o que era mostrado aos alunos era um espelho e os alunos eram obrigados a refletir sobre as suas características pessoais.

A terceira dinâmica, “um de cada vez”, pretendeu trabalhar com os alunos a cooperação e o respeito mútuo. O objetivo passou por definir um objetivo comum / de grupo sendo a meta final, atingir o número 25. Propunha-se aos alunos que um a um fossem interagindo dizendo um número de forma sequencial até ser atingido o número 25. A dificuldade do exercício prende-se com o saber ouvir o outro e saber esperar pela sua vez, desmistificando a forma não verbal de comunicação dos seus pares, pois sem haver qualquer regra ou ordem previamente estabelecida, os alunos teriam que saber quando falar sem se sobrepor a ninguém. Desta forma, todos teriam que conseguir dizer um número sem que ninguém o repetisse ou falasse ao mesmo tempo. Sempre que dois alunos ou mais falassem em simultâneo, o jogo reiniciava no número um.

Estas atividades colocaram em prova os alunos que tiveram de controlar as suas emoções em frente de diversos colegas. O objetivo era a partilha de sentimentos e a partilha de estratégias de como lidar com as situações colocadas nas dinâmicas. Estas

atividades enriqueceram o espírito e coesão do grupo, pois tiveram a possibilidade de conhecer as fragilidades e potencialidades de cada um.

Após a realização das três dinâmicas a todas as turmas do 3º ciclo foi efetuada a avaliação das mesmas pelos alunos através de um questionário desenvolvido para o efeito no *Google Form*.

Uma vez identificadas várias problemáticas a se trabalhar entre pares, procedeu-se à seleção de um grupo de turmas. Desta forma, procedeu-se ao acompanhamento semanal da turma do 7º B às sextas-feiras no horário das 10h05; a turma do 7º D às sextas-feiras das 11h45 às 12h30; o 8º B às quartas-feiras das 14h15 às 15h; o 9º E às quintas-feiras das 10h05 às 11h e posteriormente o 5º B às terças-feiras das 12h15 às 13h, uma vez que se identificou mais tarde, tratar-se de turma com bastantes problemas ao nível do comportamento.

As dinâmicas de grupo foram realizadas no tempo letivo das aulas de cidadania e tiveram o objetivo de diminuir o *stress* vivenciado sobretudo face à pandemia; trabalhar questões de cidadania/socias e de desenvolvimento do trabalho em grupo potenciando melhorias no relacionamento das crianças/jovens e ao mesmo tempo permitir momentos de descontração e convívio. Assim, as dinâmicas de grupo revelaram-se uma estratégia de dimensão coletiva e individual com capacidade para chegar de forma individualizada às problemáticas manifestadas pelos diferentes alunos.

CAPÍTULO 5 – Avaliação

Reiterando o que já referi anteriormente a organização deste projeto que é um projeto de intervenção socioeducativa numa escola, particularmente na escola EB 2º/3º ciclo D. João I, sirvo-me essencialmente da estrutura proposta por Gloria Perez Serrano no seu livro “Elaboração de Projectos Sociais”. Nesta obra a última etapa que a autora propõe é designada de avaliação. Não é possível neste projeto que demora um ano, avaliar todos os projetos desenvolvidos ao longo de dois, três anos que é muitas vezes o que demora alguns projetos, uma vez que tenho apenas um ano para entregar este relatório.

Assim neste capítulo dedicado à avaliação, deixo de seguida quais são os instrumentos de avaliação que irei utilizar para avaliar as varias atividades descritas no capítulo da planificação e deixo também a avaliação feita da atividade realizada ligada à Empatia que desenvolvi no capítulo quatro, para pudermos perceber como foi recebido pelos alunos e pelos professores para termos uma noção dos impactos sociais e da transformação que esta atividade teve no comportamento da cultura organizacional desta escola.

Segundo Serrano (2008) a avaliação de um projeto não é algo final, pois deve-se estar constantemente a avaliar as diversas atividades que surgem ao longo do projeto, para se entender como vai evoluindo todo o processo e se os objetivos propostos estão a ser cumpridos, deste modo “A avaliação permite-nos reconhecer os erros e os sucessos da nossa prática, a fim de corrigir aqueles no futuro. É uma perspetiva dinâmica que nos permite reconhecer os avanços, os retrocessos e os desvios no processo de consolidação e que nos situa na etapa em que nos encontramos (...)” (Serrano, 2008, p.81). A autora defende que a avaliação deve diferir da investigação, na medida em que a investigação centra-se em provar algo e a avaliação por sua vez, contribui para a melhoria sistemática do processo sociocultural. Devendo deste modo, a avaliação deve estar presente ao longo de todo o processo, através de registos sistemáticos e não apenas numa fase final.

Para Espinoza (1986) *cit. in* Serrano (2008) existem indicadores que medem o impacto das atividades, permitindo um acompanhamento preciso. Refere ainda que podem ser: Mensuráveis e objetivamente verificáveis. Entende-se por mensuráveis os indicadores que possam ser expressos através fatores quantificáveis, números: “devem

ter critérios de quantidade, qualidade e tempo, e também devem conter as respectivas unidades de medida (...)” (Serrano, 2008, p.86). Permite uma avaliação mais objetiva do progresso e dos resultados obtidos.

Por outro lado, os indicadores objetivamente verificáveis são aqueles que permitem que os resultados sejam confirmados através de evidências concretas, sem julgamentos subjetivos. Na prática, definir indicadores mensuráveis e objetivamente verificáveis possibilita verificar a progressão face às metas propostas ou previstas, fornecendo um balanço de informações concretas para realizar ajustes no plano de ação caso seja necessário. Estes indicadores são fundamentais para a gestão de projetos assim como a sua transparência e responsabilidade.

O projeto será avaliado anualmente para melhorar as atividades para o ano seguinte, portanto será feita uma “avaliação formativa, durante o processo” (Serrano, 2008, p.94). Esta avaliação é importante para entender o desenvolvimento do projeto, “a avaliação não deve ser algo pontual, mas sim um processo para obter a informação necessária” (Serrano, 2008, p.95) capaz de ajustar com base nos dados encontrados uma forma de melhorar as atividades e objetivos.

A avaliação surge deste modo, segundo a autora, como uma ajuda; um “juízo de valor” com base nos dados e que serve de suporte à decisão final. Segundo Serrano (2008) a avaliação progressiva do projeto leva a uma tomada de consciência tanto dos progressos como dos desajustamentos no seu desenvolvimento para uma maior consciencialização do alcance dos objetivos, pelo que a avaliação deve integrar o próprio projeto de forma contínua e flexível.

De seguida será feita a análise dos resultados encontrados da atividade da empatia realizada aos alunos do agrupamento. A avaliação escolhida foi um questionário com perguntas fechadas.

No decorrer das dinâmicas foi realizado um questionário de satisfação aos alunos de caráter não obrigatório, para aferir o impacto das atividades nos alunos, bem como o grau de motivação dos mesmos.

Os gráficos apresentados permitem fazer um balanço dos resultados obtidos mediante as respostas atribuídas por uma amostra de 274 alunos.

No gráfico N° 4 entende-se que o grupo de alunos que beneficiaram do acompanhamento efetuado foi bastante homogéneo com cerca de 44% de alunos do género masculino e aproximadamente 55% de alunos do género feminino.

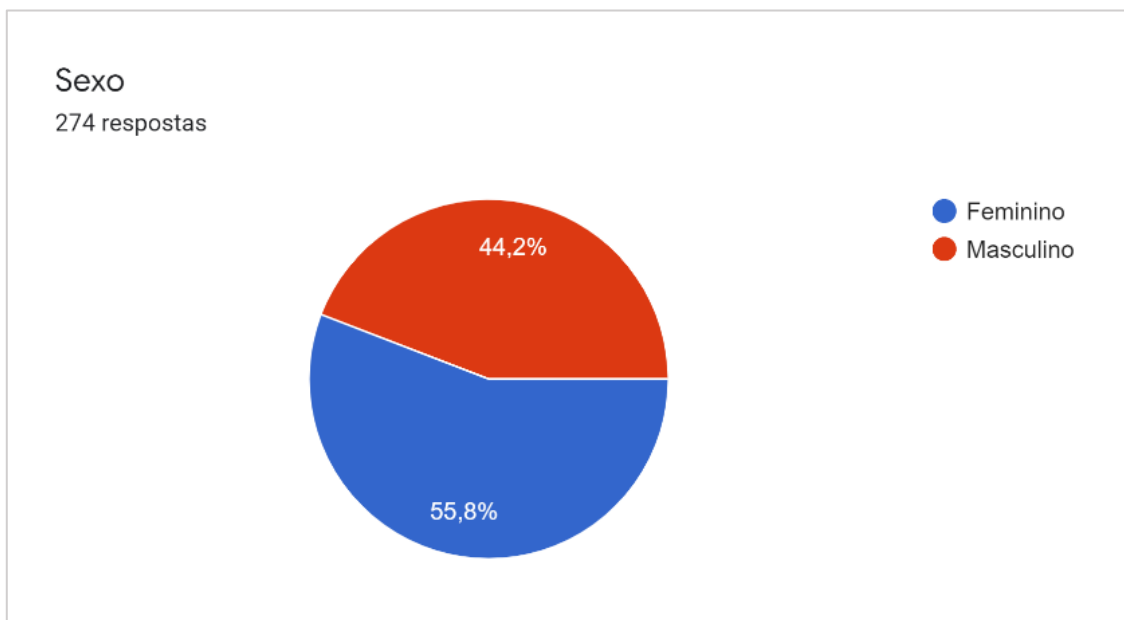


Gráfico 4 - Género dos Alunos

Fonte: Construção do Investigador

O gráfico Nº 5 apresenta o grau de satisfação dos alunos em relação às dinâmicas de grupo trabalhadas. A avaliação dos alunos em relação ao trabalho realizado revelou-se bastante positiva, uma vez que a maioria dos alunos (70,9%) manifestou-se bastante satisfeito com a dinâmica e apenas 0,4% correspondente a um aluno, não gostou das dinâmicas.

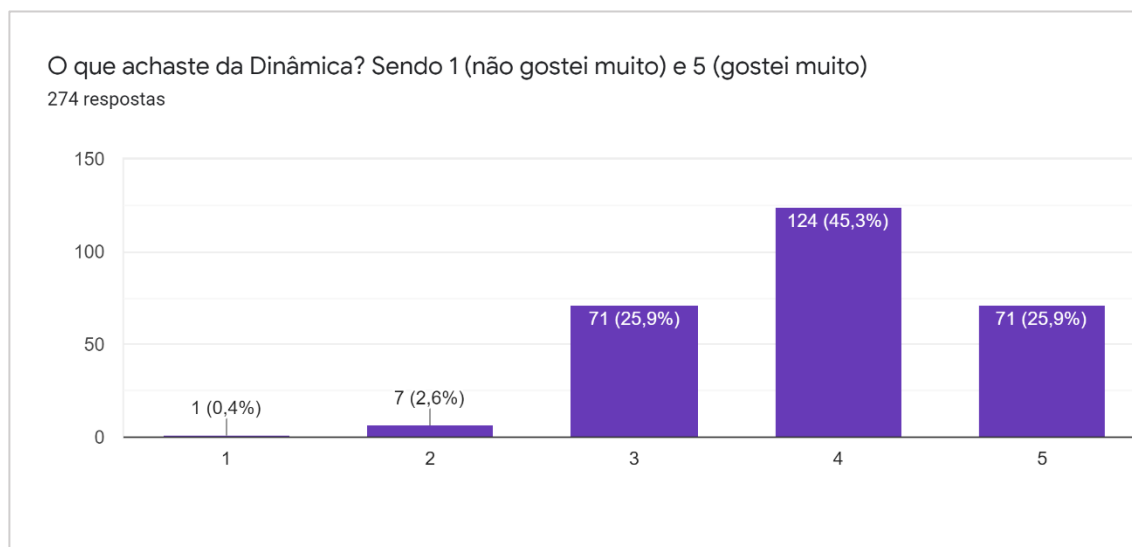


Gráfico 5 - Satisfação dos Alunos

Fonte: Construção do Investigador

O questionário realizado aos alunos, teve como base aferir se as dinâmicas promovidas pelo Assistente Social melhoraram efetivamente a relação dos alunos entre turma. Pode-se concluir que a maioria dos alunos inquiridos (66,8%) considerou relevante as dinâmicas para a melhoria da relação da turma.

O questionário comprova o que foi constatado por observação direta, pois no decorrer da realização das dinâmicas foi notável a evolução de vários alunos, assim como da sua relação entre pares. Os alunos procuraram manifestar esse entusiasmo, elogiando o desenvolvimento das dinâmicas em sala de aula e os diretores de turma também se mostraram bastante recetivos e entusiasmados com a aplicação das dinâmicas referindo a sua utilidade como uma mais-valia para o desenvolvimento de competências perspetivadas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

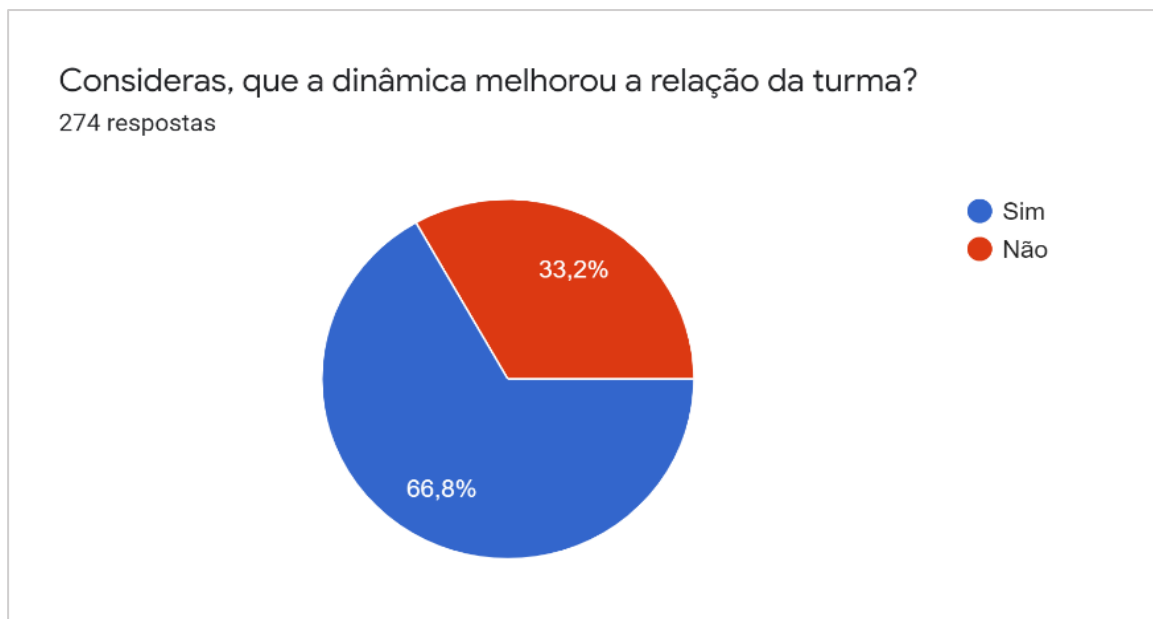


Gráfico 6 - Relação da Turma

Fonte: Fonte: Construção do Investigador

Os diretores de turma tiveram um papel fundamental no combate do insucesso escolar dos alunos, bem como a sinalização atenta e atempada das problemáticas associadas aos seus alunos. Os diretores de turma trabalharam em conjunto com o Assistente Social, realizando a sinalização ao mesmo; revelando sempre disponibilidade para solucionar as problemáticas identificadas e evidenciaram durante todo o ano letivo entusiasmo na colaboração das atividades desenvolvidas pelo Assistente Social. Pode-se afirmar que toda comunidade educativa foi fundamental para o sucesso do acompanhamento de cada caso identificado desenvolvendo-se um trabalho em rede em prol do bem-estar psicossocial do aluno.

EM BUSCA DE CONCLUSÕES

Os alunos compreendem que a escola é cada vez mais um lugar onde se encontra diversas culturas e que importa para os alunos é que a escola seja um espaço seguro onde possam partilhar as suas inseguranças e sonhos. A escola deixa de ser só um espaço pedagógico, mas também um lugar que compreende as necessidades dos alunos, sendo importante para os mesmos que a comunidade educativa acompanhe as mudanças essenciais para o ensino.

O projeto tem um ano de implementação com muitos objetivos cumpridos, influenciando e sendo uma mais-valia para toda a comunidade educativa. O projeto tem uma grande margem de crescimento, com o desenvolvimento de novas atividades e a continuidade de atividades já implementadas. A continuidade da equipa pertencente ao projeto é essencial para o bom funcionamento do projeto.

O trabalho desenvolvido pelo Agrupamento de Escolas D. João I ao longo de muitos anos tem sido uma procura sistemática de tornar a escola mais inclusiva. A subdiretora referiu como muito importante a implementação de um guião que apoiasse a comunidade educativa a receber alunos que chegam dos diversos países. Esse documento torna-se importante para que o apoio já realizado pelo projeto seja mais eficaz, pois qualquer profissional na escola possa exercer esse papel de uma forma inclusiva e que o aluno não se sinta excluído.

A Encarregada de Educação refere de facto que existe uma grande diferença relativamente à importância que os Encarregados de Educação dão à escola, referindo que para a mesma, os alunos mais novos têm pais menos preocupados com a escola dos seus educandos. Para a mesma a escola tem um papel importante na vida social dos seus filhos, sendo de extrema importância todos os projetos implementados pelo Agrupamento. A continuidade do projeto revela que a escola se importa não só com a parte pedagógica dos alunos, mas também da parte psicossocial.

Foi realizado um levantamento de necessidades a diversas turmas relativamente ao comportamento e às diferenças sociais. No seguimento do trabalho realizado junto das turmas, foi realizado um questionário na qual se obtiveram resultados e informações

importantes sobre o projeto. Uma grande percentagem de alunos referiu que as atividades realizadas foram importantes para uma melhoria da relação entre a turma e que gostaria que existisse uma continuidade do trabalho já desenvolvido. Os alunos referiram ainda que gostariam que no futuro algumas atividades fossem com mais dinâmica entre os alunos.

Avaliação é um processo contínuo, que tal como o diagnóstico e de acordo com Perez Serrano (2008), acompanha todo o processo de implementação de projetos. Desta forma o diagnóstico apresentado no capítulo 2 continua em aberto, assim como a avaliação, de que já há dados disponíveis como vimos no capítulo (verificar). Apesar dessa avaliação já feita, adianto neste projeto de investigação e intervenção socioeducativa, instrumentos de avaliação que irão ser aplicados apenas no final de todo o projeto “Prevenir, Intervir e Valorizar” cujo término estava prevista para o final de dois mil e vinte e quatro, mas que, em função dos resultados obtidos e da avaliação do conselho pedagógico, tem já garantida a sua continuidade a médio prazo.

Como fomos vendo ao longo do texto, desde a revisão conceptual até à análise das vozes e dos microprojectos deste grande projeto de intervenção social na escola, fomos, em cerca de quatro anos, assistindo à passagem de uma intervenção social de cariz essencialmente resolutivo, isto é, quando surgia um problema alguém tentava resolver esse problema, para uma intervenção socioeducativa, quer dizer, assente numa ideia de evitar a tensão, o conflito, o problema, assente numa ideia preventiva e formativa e, por isso, socioeducativa. As duas, apesar de tudo, complementam-se e continuam a existir, mas desde dois mil e vinte, altura em que comecei a trabalhar como assistente social na escola até dois mil e vinte e quatro é possível retirar esta conclusão e perceber como o meu trabalho colaborativo e assente numa ideia de mediação, enquanto diálogo intercultural, contribuiu para esta intervenção ser menos paliativa e essencialmente socioeducativa.

Finalmente, os dados mostram que o trabalho de um assistente social inserido num projeto de intervenção socioeducativa e mediador, numa escola, a trabalhar em rede com os professores (Vieira, A., 2013), produz bons resultados em termos da promoção da convivência entre diferentes culturas e de construção de uma escola mais inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA VV (2008). *Mediación Intercultural, una propuesta para la formación*, Madrid: Editorial Popular.
- Acosta, E. e Martín, E (2024). Estrés migratorio y bienestar subjetivo en menores no acompañados. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44*. pp 189-202. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>
- Acosta, E. e Martín, E (2024). Migracion Stress and Subjative Well-Being in Unaccompanied Migrant Children. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44*. pp 177-188. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>
- AEDJI (2022), Agrupamento de Escolas D.João I: Projeto Educativo, 2022-2026. Obtido em 03 de abril de 2024, de Agrupamento de Escolas D.João I, Baixa da Banheira: http://aedjoao1.ccems.pt/images/Projeto_Educativo_2022-2026.pdf.
- Almeida, H. (2018). Mediação Social e Escolar Profissional: Interdisciplinaridade ao Serviço da coesão social in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 201-222.
- Almeida, M. (2018). Nas Transcrições Escola- Trabalho: A perspetiva do curso de vida e intervenção do serviço social in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 73-104.
- Amaro, S. (2018). O Serviço Social nas Escolas do Século XXI: Um novo (re)começo in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 143-170.
- Barranco, R. Bretones, E. e Morales, S. (2024). La participación del alumnado de los centros de educación secundaria obligatoria. *La Pedagogía Social em*

Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44. pp 29-50. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>

Bressan, C. (2018). Atuação do Assistente Social no Campo Educacional: conceitos subsidiadores da intervenção profissional in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 119-142.

Carvalho, I. (2018). Educação, Direitos Humanos e Serviço Social crítico in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 171-186.

Colom, S. Sanz, J. Brage, L. e Martínez, B. (2024). Acceso, consume y consecuencias del consume de pornografía entre adolescentes: nuevos retos para la educación afectivo-sexual. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44.* pp 161-176. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>

Couso, X. e Campos, A (2024). La investigación como escenario de participación infantil: percepciones y propuestas de acción comunitaria. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44.* pp 51-68. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>

Delgado, P. Coelho, C. Carvalho, J. Duarte, P. e Moreira A. (2024). Educação e Proteção. A articulação das Escolas com as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44.* pp 117-132. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>

Esterri, J (2024). Salud mental em juventud tutelada: estrategias de promoción y prevención sociosanitaria. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44.* pp 233-264. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>

GIMÉNEZ, Romero, C. (2001). "Modelos de mediación y su aplicación en mediación intercultural". In Revista Migraciones n.º 10. Madrid: Universidade Pontificia de Comillas.

- Gómez, C. (2024). Maltrato infantil y burnout parental. Revisión sistemática. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44.* pp 133-146. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>
- Jares, X. (2002). *Educação e Conflito – Guia de Educação para a Convivência*. Porto: Edições Asa.
- Justino, E. e Borges, D. (2018). A Intervenção do Serviço Social no Ensino Superior in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 279-302.
- Lira, M. Jorquera, S. acevedo, E. e Apablaza, C. (2024). Facilitators and Barriers for Retention fo Migrant Students in Chile: Experiences os Four Schools in Vlaparaíso. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44.* pp 203-216. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>
- Lira, M. Jorquera, S. acevedo, E. e Apablaza, C. (2024). Facilitadores y obstaculizadores de la retención escolar de estudiantes migrantes em Chile: experiencias de cuatro escuelas de Valparaíso. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44.* pp 217-232. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>
- Marques, J. (2008). *Os Portugueses na Suíça: migrantes europeus*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Martins, E. (2018). A Expansão da Inserção do Serviço Social na Educação Brasileira in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 105-118.
- Mendes, F. (2018). Da Territorialização das Políticas Educativas in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 43-72.
- Novella, A. e Llena, A. (2024). Giros concepluales sobre participación social de la adolescência. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria:*

participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44. pp 15-28.
<http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>

Ribeiro, S. Sousa, P. e Almeida, J. (2018). O Trabalho do (A) Assistente Social com a Comunidade Local in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 263-278.

Ruiz, N. Martín, I. e Franco, M. (2024). Participación de las familias em los centros de secundaria, de lo institucional a lo transformador. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44. Pp 69-86.* <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>

Ruiz, R. Emeterio, M. e Villar, J. (2024). Intergenerational Environmental Leisure. Motivations for Practice. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44. pp 133-146.* <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>

Ruiz, R. Emeterio, M. e Villar, J. (2024). Ocio Ambiental en clave intergeneracional. Motivaciones para su práctica. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44. pp 147-160.* <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>

Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais: Casos Práticos*. Porto Editora.

SIPS - PEDAGOGÍA SOCIAL. *REVISTA INTERUNIVERSITARIA (2024) volume 44. TERCERA ÉPOCA.*

Sousa, P. e Almeida, J. (2018). A Intervenção do Serviço Social nas escolas in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 187-200.

Sousa, P. e Almeida, J. (2018). *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus.

Sousa,P., Ameida, J. e Ribeiro, S. (2018). A escola de hoje: Velhos Problemas, novos caminhos in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 17-42.

- TORREMORRELL, M. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto editora.
- Vaz, N. Almeida, J. e Sousa, J. (2018). O Serviço Social na Escola na Articulação com a Família in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 243-262.
- Vescelao, M. Mari, R. e Esteban, B. (2024). Participación comunitaria em los centros de secundaria desde uns perspectiva intercultural. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44*. pp 87-102. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>
- Vieira, A. (2016). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Profedições.
- Vieira, A. (2018). Da Territorialização das Políticas Educativas: Incursão histórica e comparada de intervenções do serviço social in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 43-72.
- Vieira, A. Vieira, R. e Marques, J (2024). Emergência e desenvolvimento da pedagogia social no âmbito escolar: o caso português. *La Pedagogía Social em Centros Educativos de Secundaria: participacion, convivencia y acción comunitaria.. volume 44*. pp 103-116. <http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>
- Vieira, Ana Maria; Marques, José Carlos e Vieira, Ricardo (2016). “A mediação Intercultural em contexto escolar: da diferença como deficiência à diferença como ferramenta pedagógica e identitária”. *Entre Iguais e Diferentes: A Mediação Intercultural. Atas das primeiras Jornadas da Rede de Ensino Superior para a Mediação Intercultural*, Lisboa: ACM, IP, pp. 98-123.
- Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*. Edições Afrontamento.
- Vieira, R. (2014a). Trajetórias de vida, subjetivação e qualidade de vida de idosos. In Afonso, H., Sousa, P., Almeida, J et al. (orgs.) *Perspetivas sobre o Envelhecimento Ativo* (pp. 145-162). Lisboa: Editorial Cáritas.

- Vieira, R. (2014c). Integração Social na terceira Idade. Ambientes Promotores de Envelhecimento Ativo. In Azevedo, S e Correia, F. *Educação e Integração Social, Actas do 3º Congresso Internacional de Educação Social*, Porto (pp. 107-121). Porto: Aptses e Fronteira do Caos editora.
- Vieira, R. & Ribeiro, M. (2015). Animação e estratégias de gestão da identidade do idoso em contexto institucional. In Pereira, J., Lopes, M., Rodrigues, T. (coord.), *Animação Sociocultural, Gerontologia, Educação Intergracional – Estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo* (pp. 47-58). Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural
- Vieira, R. & Vieira, A. (2019). Paradigmas da Intervenção e Pedagogia Social: Do Trabalho Social Biomédico à Intervenção Sociocultural, Mediadora e Empoderadora. *Laplage em Revista. Volume 5 (nº2)* pp 8-20. <https://doi.org/10.24115/S2446-6220201952659P.8-20>
- Vieira, R. e Vieira, A (2018). Serviço Social e Mediação Intercultural em Contexto Educativo in Sousa, P. e Almeida, J. *Serviço Social na Escola: Contributos para o campo profissional*. Húmus, pp 223-242.
- Vieira, R., & Vieira, A. (2016). Mediações Socioculturais: Conceitos e Contextos. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (orgs), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 27-55). Porto: Edições Afrontamento.
- Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; & Margarido, C (org.) (2017). *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural Social*. Porto: Edições Afrontamento
- Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; Vieira A. & Margarido, C (org.) (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICES

Apêndice 1 - Consentimento informado para autorização do uso das entrevistas no relatório do projeto

Consentimento Informado

A presente entrevista insere-se no âmbito do mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção social, lecionado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Com ela pretendo compreender e interpretar as opiniões dos diversos participantes no projeto implementado no Agrupamento de Escolas D. João I.

A entrevista será sujeita a gravação áudio com o intuito de lembrança posterior. Toda a informação recolhida será tratada de forma confidencial e anónima e irá constar de um trabalho em forma de Projeto.

Ao assinar este documento, concordo e aceito participar neste estudo.

Data: / /2024

Assinatura do Mestrando

Assinatura do Entrevistado

Apêndice 2 - Guião de Entrevista às docentes do Agrupamento de Escolas D. João I

Maiores desafios na resposta às necessidades individuais dos alunos numa sala de aula com diferentes culturas;

1. Principais necessidades que identifica na escola relativamente aos recursos educacionais, suporte administrativo e desenvolvimento profissional;
2. Projetos do agrupamento de Escolas D. João I que mais contribuem para lidar com as diferenças culturais/sociais;
3. Equipa técnica e trabalho conjunto com professores, direção escolar, encarregados de educação, na resposta às necessidades sociopedagógicas dos alunos.
4. Propostas para a melhoria da inclusão na escola;
5. Propostas para a melhoria da inclusão na escola.

Apêndice 3 - Guião da Entrevista aos alunos do Agrupamento de Escolas D. João I

1. Quais os principais desafios que enfrentas na escola em relação à forma como aprendes, o ambiente escolar e o teu bem-estar emocional?
2. Onde é que a escola pode melhorar para responder às tuas necessidades enquanto aluno e pessoa?
3. De que maneira os professores e toda a comunidade educativa contribuem para a tua integração/inclusão ou não, na tua turma e na escola? Queres dar um exemplo?
4. Dos projetos da escola qual o que na tua opinião mais ajuda no sucesso académico e que trabalha a inclusão? Podes justificar?
5. Em que medida a relação entre alunos, professores e direção escolar são importantes para criar um ambiente escolar mais inclusivo? Queres exemplificar?
6. Achas que a escola atual funciona bem apenas só com professores ou precisa de outros técnicos? Queres justificar?

Apêndice 4 - Guião de entrevista a uma Encarregada de Educação do Agrupamento de Escolas D. João I

1. Preocupações relativamente à educação dos seus educandos na escola;
2. Propostas para a melhoria da escola no sentido de um apoio mais próximo e inclusivo com os Encarregados de Educação;
3. Opinião sobre a comunicação entre a escola e os pais;
4. Opinião sobre os projetos inclusivos implementados no Agrupamento de Escolas D. João I; especificar algum projeto em particular;
5. Opinião sobre as diferenças culturais na escola.

Apêndice 5A - Transcrição da entrevista à Subdiretora do Agrupamento de Escolas D. João I

Data da Entrevista: Dezaséis de maio de dois mil e vinte e quatro

Local: Gabinete Assistente Social

1ª Questão

Efetivamente hoje em dia cada vez mais numa sala de aula temos alunos de diferentes culturas, enquanto antigamente era um leque muito mais restrito, e que se cingia basicamente aos alunos PALOP e aos brasileiros, ao longo dos anos temos vindo a receber alunos das mais diversas nacionalidades e cada vez mais este leque é maior o que faz com que os desafios, sejam enormes. Em contexto de sala de aula o domínio da língua é o mais difícil de contornar, hoje em dia também o acesso às novas tecnologias, facilita muito a barreira linguística, que para mim é um dos maiores desafios, porque a vinda de alunos de países asiáticos ou da cultura muçulmana, que nem sequer têm o nosso alfabeto como referência é um dos maiores handicaps e isso as novas tecnologias vieram facilitar o contorno desta dificuldade. E aos poucos a integração destes alunos é facilitada com o recurso a este instrumento.

2ª Questão

Os recursos educacionais que deviam ser variados muitas vezes quando surgem, às vezes vêm um pouco fora da necessidade, ou seja, quando começa um ano se eu recebo alunos de uma determinada nacionalidade e que faz com que eu tenha uma necessidade muito específica, às vezes esses recursos só aparecem muito a posteriori a área da formação é uma delas, muitas vezes é preciso existir a necessidade e depois é que vem a formação, ou seja, há ali um timing em que nós temos que trabalhar sem rede e sem a devida formação para que possamos ajudar os alunos. A nível do suporte administrativo, por exemplo é difícil muitas vezes conciliar os horários temos um suporte a nível de

Secretaria que nos permita logo identificar quem é que são estes alunos. Às vezes eles chegam à escola e essa informação não circula entre o diretor de turma e o Conselho de turma e então o professor muitas vezes é confrontado com a recepção do aluno sem saber que ele vinha ou sem saber a nacionalidade dele, a informação acaba por não acompanhar a celeridade da vinda do aluno, e isso depois também com a falta de recursos humanos na área da administração que nos poderia facilitar este processo de mero identificação, mas que também nos daria algum tempo para nos prepararmos e que muitas vezes isso não acontece.

3ª Questão

Nós temos alguns projetos que nos permitem a ajudar por assim dizer quer na integração, quer no espaço social deles a nível de escola. Cada vez mais o agrupamento tem uma oferta de projetos e não só, também de clubes que visam colmatar algumas dessas necessidades. Temos o clube Ubuntu que vai ao encontro do desenvolvimento das competências sociais emocionais, que também ajuda alunos que estejam ali com algum problema que sejam identificados e temos a área dos comportamentos que não é só no sentido negativo mas também num sentido positivo, ou seja, quanto há uma proposta para a dar uma menção de mérito aos alunos, seja porque tem alguma ação para com os colegas, vai ao encontro da promoção da ajuda e tudo mais e não se passar despercebida. Temos projetos também na área da ação social em que pretende acompanhar de uma forma mais individualizada os alunos que são identificados pelos diretores de turma com alguma necessidade não só económica, às vezes também social mas também na área emocional, e que depois é desenvolvido aqui um trabalho em parceria com a psicóloga. E depois temos um outro conjunto de clubes, disponíveis para os alunos onde eles podem desenvolver algumas de outras competências na área das artes e que lhes permita de uma forma extracurricular, desenvolver competências que vão ao encontro das preferências. A turma z é um projeto que faz parte do plano de ação estratégico do agrupamento e que está implementado no quinto e no sétimo ano às disciplinas de português e de matemática. É um projeto que visa melhorar o sucesso escolar dos alunos esse estamos perante alunos onde a parte académica deles está comprometida nestas duas disciplinas eles poderão ser propostos. Nunca esquecendo, no entanto que o maior dificuldade deles acaba por ser a linguística e nisso temos o projeto Cyber escolas que pretende aumentar a proficiência linguística destes alunos, muitas vezes que estão num nível básico, nem básico chega a ser porque não dominam nada e que pretende ajudá-los no desenvolvimento das

competências linguísticas do português como segunda língua. a turma z é um complemento à semelhança quer dos apoios que existem quer também das salas de estudo que a outra oferta que a escola para este tipo de alunos.

4ª Questão

O agrupamento tem uma dimensão média não é um agrupamento extremamente numeroso, o que faz com que a todas as pessoas, todos os profissionais que trabalhem se conheçam. Estamos neste momento com um corpo docente relativamente estável, assim como os técnicos que cá trabalham o que faz com que todos os procedimentos estejam articulados entre todos, muitas vezes mais do que o procedimento administrativo e o preenchimento do papel é a articulação que por vezes até informal entre os diferentes técnicos e o corpo docente, em que a informação acaba por circular e a ajuda acaba por ser encaminhada ao aluno em questão. Estou a falar nomeadamente do técnico da ação social, da psicóloga e principalmente os diretores de turma juntamente com a direção, que acabam por fazer estes 4 grupos, acabam por articular de uma forma praticamente diária e em que conforme as necessidades são encaminhados para quem há essa necessidade e há uma articulação muito fluida entre todos os membros.

5ª Questão

O facto de aumentarmos os recursos humanos era efetivamente uma ajuda por si só não vai fazer com que a inclusão seja mais facilitada, o que iria fazer era com que houvesse um maior acompanhamento por parte de quem o poderia fazer. O de estarmos limitados a uma único assistente social e a uma única psicóloga, limita o apoio que é prestado, se tivéssemos um maior número obviamente que aquilo que já é feito eu acho que é bem feito, poderia era ser feito durante mais tempo e de uma forma mais intensa, ou seja, o acolhimento que nós fazemos o acompanhamento a sala que se pretende que seja feito, a orientação por parte do assistente social e tudo mais acaba por se cingir mais em particular aos primeiros dias que o aluno vem se houvesse um maior número de recursos humanos, este acompanhamento poderia ser mais prolongado no tempo e poderia ser mais intenso. O facto de não virem todos ao mesmo tempo, ajuda pronto, mas se tivermos dois, três, quatro alunos, imaginemos que a escola recebia quatro alunos na mesma semana, este acompanhamento já iria ser mais dificultado devido ao número reduzido de recursos humanos. E não temos propriamente uma linha de ação, se calhar o

definirmos em concreto, há pouco referi que a articulação entre as diferentes equipas acontecia de uma forma informal este acompanhamento acaba por acontecer de uma forma informal, se o aumento for muito exponencial ao recebemos alunos de diversas Etnias, se calhar facilitaria estipularmos o que é que cada um dos alunos que vem deveria receber e aí para ser igual para todos, e não ser algo somente se houver disponibilidade do técnico e tentarmos ter uma linha da ação, caso o assistente técnico não pudesse quem é que interviria a psicóloga, não sendo a psicóloga que também não estivesse livre e termos isto definido e passar para concreto e não só de uma forma que eu acho que é como temos a funcionar neste momento.

Apêndice 5 B – Sinopse da análise à entrevista realizada à Subdiretora do Agrupamento de Escolas D. João I

Categorias	Vozes	Interpretação
<p>Maiores desafios na resposta às necessidades individuais dos alunos numa sala de aula com diferentes culturas;</p>	<p>[...] hoje em dia cada vez mais numa sala de aula temos alunos de diferentes culturas, enquanto antigamente era um leque muito mais restrito, e que se cingia basicamente aos alunos PALOP e aos brasileiros, ao longo dos anos temos vindo a receber alunos das mais diversas nacionalidades e cada vez mais este leque é maior o que faz com que os desafios, sejam enormes. Em contexto de sala de aula o domínio da língua é o mais difícil de contornar, hoje em dia também o acesso às novas tecnologias, facilita muito a barreira linguística, que para mim é um dos maiores desafios, porque a vinda de alunos de países asiáticos ou da cultura muçulmana, que nem sequer têm o nosso alfabeto como referência é um dos maiores handicaps e isso as novas</p>	<p>A professora Magda refere os movimentos migratórios e particularmente a imigração dos PALOP e do Brasil como um dos principais fatores conducentes ao aumento da complexidade e da multiculturalidade na escola.</p> <p>Do seu ponto de vista, as barreiras linguísticas são os maiores desafios à construção de uma escola inclusiva.</p>

	tecnologias vieram facilitar o contorno desta dificuldade.”	
Principais necessidades que identifica na escola relativamente aos recursos educacionais, suporte administrativo e desenvolvimento profissional;	“ [...] Os recursos educacionais que deviam ser variados muitas vezes quando surgem, às vezes vêm um pouco fora da necessidade, ou seja, quando começa um ano se eu recebo alunos de uma determinada nacionalidade e que faz com que eu tenha uma necessidade muito específica, às vezes esses recursos só aparecem muito a posteriori a área da formação é uma delas, muitas vezes é preciso existir a necessidade e depois é que vem a formação, ou seja, há ali um timing em que nós temos que trabalhar sem rede e sem a devida formação para que possamos ajudar os alunos”	A professora Magda refere que os recursos educacionais são variados. Porém, só são atribuídos aos alunos passado muito tempo.
Projetos do agrupamento de Escolas D. João I que mais contribuem para lidar com as diferenças culturais/sociais;	“[...] Cada vez mais o agrupamento tem uma oferta de projetos e não só, também de clubes que visam colmatar algumas dessas necessidades. Temos o clube Ubuntu que vai ao encontro do desenvolvimento das competências sociais	A professora Magda refere que a escola tem uma vasta oferta de projetos e clubes que têm como objetivo desenvolver as competências sociais. Refere ainda dois projetos que mais contribuem para

	<p>emocionais, que também ajuda alunos que estejam ali com algum problema que sejam identificados e temos a área dos comportamentos que não é só no sentido negativo mas também num sentido positivo, ou seja, quanto há uma proposta para a dar uma menção de mérito aos alunos, seja porque tem alguma ação para com os colegas, vai ao encontro da promoção da ajuda e tudo mais e não se passar despercebida.”</p>	<p>o desenvolvimento social dos alunos, o Ubuntu e o PIV (Prevenir, Intervir e Valorizar)</p>
<p>Equipa técnica e trabalho conjunto com professores, direção escolar, encarregados de educação, na resposta às necessidades sociopedagógicas dos alunos.</p>	<p>“[...] Estamos neste momento com um corpo docente relativamente estável, assim como os técnicos que cá trabalham o que faz com que todos os procedimentos estejam articulados entre todos, muitas vezes mais do que o procedimento administrativo e o preenchimento do papel é a articulação que por vezes até informal entre os diferentes técnicos e o corpo docente, em que a informação acaba por circular e a ajuda acaba por ser encaminhada ao aluno em questão. Estou a falar</p>	<p>A professora Magda refere que os profissionais que constituem o Agrupamento articulam de uma forma prática para resolver os problemas que surgem. Refere ainda os quatros grupos que desenvolvem o trabalho em parceria, o técnico de ação social, psicóloga, diretores de turma e direção.</p>

	<p>nomeadamente do técnico da ação social, da psicóloga e principalmente os diretores de turma juntamente com a direção, que acabam por fazer estes 4 grupos, acabam por articular de uma forma praticamente diária e em que conforme as necessidades são encaminhados para quem há essa necessidade e há uma articulação muito fluida entre todos os membros.”</p>	
<p>Propostas para a melhoria da inclusão na escola;</p>	<p>“[...] O de estarmos limitados a uma único assistente social e a uma única psicóloga, limita o apoio que é prestado, se tivéssemos um maior número obviamente que aquilo que já é feito eu acho que é bem feito, poderia, era ser feito durante mais tempo e de uma forma mais intensa, ou seja, o acolhimento que nós fazemos o acompanhamento a sala que se pretende que seja feito, a orientação por parte do assistente social e tudo mais, acaba por se cingir mais em particular aos primeiros dias que o aluno vem, se houvesse um maior número de</p>	<p>A professora Magda refere que o aumento de técnicos especializados na escola, iria ajudar a implementar o que já é realizado na escola no que concerne à inclusão dos alunos.</p>

	recursos humanos, este acompanhamento poderia ser mais prolongado no tempo e poderia ser mais intenso”	
--	--	--

Apêndice 6 A – Transcrição da entrevista a uma diretora de turma do 3º ciclo

Data da Entrevista: Dezassete de maio de dois mil e vinte e quatro

Local: Gabinete Assistente Social

1ª Questão

É fazer com que primeiro se sintam bem integrados na turma e depois que tenham concretamente, no que diz respeito à minha disciplina que é o francês, o mesmo nível de ensino. Perceber que há também essas diferenças culturais, que temos muitas vezes ter em conta, na forma de abordagem, da falta também de conhecimento que alguns têm e o maior de todos quanto a mim, é ter um nível raso de nível de língua, portanto eles nunca tiveram francês, para mim este é o maior desafio, porque eu tenho de adaptar o nível em função do resto da turma se encontra, portanto obriga-me a uma ginástica e a dinâmicas muito mais diversificadas e personalizadas.

2ª Questão

Eu acho que seria preciso atendendo ao nível socioeconómico da nossa população escolar, seria mais apoio em termos mais personalizado em termos de apoio mesmo escolar. nós temos uma oferta bastante vasta em termos de salas de estudo, de apoio personalizado e individualizado, de turma Z, aulas de coadjuvação, mas há algumas necessidades mais prementes em termos de outras disciplinas que não sempre as de matemática ou de português. Eu acho que era fundamental para uma aprendizagem mais eficaz e mais personalizada haver por exemplo uma coadjuvação em mais do que uma disciplina, seja tanto a nível mais prático como a educação física, a educação visual ou oficina de artes, bem como das línguas ou de outras disciplinas. Outra falta que eu que eu verifico e devido ao volume de trabalho, porque funcionamos como um agrupamento, era termos a mais do que dois professores para o ensino especial, mais do que uma psicóloga e mais do que um assistente social, acho que em termos de secretaria as coisas também funcionam não me parece que seja aí a necessidade mais premente, mas devido ao tipo de população que nós temos acho que precisávamos de um investimento muito maior por parte do Ministério da educação a este nível.

3ª Questão

Eu iria dizer o clube Ubuntu, parece que de uma forma um bocadinho camuflada, acho que acaba por fazer com que os alunos tenham um espaço onde se sintam eles próprios e com o desenrolar das próprias sessões nós verificámos que eles também se vão soltando um pouco mais. Eu acho que também a presença do assistente social e da psicóloga contribuem para que os alunos possam recorrer a essas entidades, para poder resolver, ou mesmo que não seja para resolver pelo menos ter um sítio onde possam, abordar determinadas questões. Eu acho também que a presença do diretor de turma pode ser fundamental nestas situações, quando eles se sentem à vontade e nem que o diretor de turma seja um elo de ligação entre o assistente social e a psicóloga, porque eu própria como diretora de turma faço a esse elo de ligação, portanto sempre que eu sinto que é necessário acabo por falar com esses profissionais.

4ª Questão

Eu tenho conhecimento da existência do PIV, também da EMAEI para os alunos do ensino especial. Articulámos primeiro através do contato personalizado que acho que é sempre o mais fácil, e depois temos os recursos através dos documentos oficiais, através de documentos que são disponibilizados através do email, do Google forms também de preenchimento de documentos oficiais. Fazemos levantamento e encaminhamos diretamente para que as coisas fiquem de facto oficializadas, mas o primeiro contato é sempre pessoal e acho que ainda bem, é mais fácil para todos e para conseguirmos encaminhar e os técnicos poderem orientar melhor o seu trabalho.

5ª Questão

Era termos mais técnicos para poder orientar de uma forma mais eficaz e mais célere. Muitas vezes os meios não nos são dados e portanto as pessoas acabam por trabalhar da sua boa vontade e sendo de facto muito profissionais, porque os casos acabam por ser sempre prioritários, de maneira que é muito complicado escolhermos por todas as situações são de facto prementes, portanto as pessoas trabalham com a sua boa vontade fazendo mais horas do que aquelas que são propostas muito honestamente não vejo qual é qual é a forma de poder resolver ou antecipar aqui problemáticas, era mesmo o Ministério ter mais verbas para que as escolas possam atuar de uma forma mais rápida.

Apêndice 6 B – Sinopse da análise da entrevista à diretora de turma do 3º Ciclo

Categorias	Vozes	Interpretação
<p>Maiores desafios na resposta às necessidades individuais dos alunos numa sala de aula com diferentes culturas;</p>	<p>“[...] Perceber que há também essas diferenças culturais, que temos muitas vezes ter em conta, na forma de abordagem, da falta também de conhecimento que alguns têm e o maior de todos quanto a mim, é ter um nível raso de nível de língua, portanto eles nunca tiveram francês, para mim este é o maior desafio, porque eu tenho de adaptar o nível em função do resto da turma se encontra, portanto obriga-me a uma ginástica e a dinâmicas muito mais diversificadas e personalizadas.”</p>	<p>A professora Eulália refere que o grande desafio é reconhecer as diferenças culturais e que os alunos não dominam o francês e que terá de adaptar os conteúdos aos diferentes alunos.</p>
<p>Principais necessidades que identifica na escola relativamente aos recursos educacionais, suporte administrativo e desenvolvimento profissional;</p>	<p>“[...] Eu acho que seria preciso atendendo ao nível socioeconómico da nossa população escolar, seria mais apoio em termos mais personalizado em termos de apoio mesmo escolar. nós temos uma oferta bastante vasta em termos de salas de estudo, de apoio personalizado e individualizado, de turma Z, aulas de coadjuvação, mas há algumas necessidades mais</p>	<p>Para a Professora Eulália será necessário mais coadjuvações e apoio personalizado a mais disciplinas. É importante o aumento dos professores de Educação Especial e dos Técnicos Especializados na escola.</p>

	<p>prementes em termos de outras disciplinas que não sempre as de matemática ou de português. Eu acho que era fundamental para uma aprendizagem mais eficaz e mais personalizada haver por exemplo uma coadjuvação em mais do que uma disciplina, seja tanto a nível mais prático como a educação física, a educação visual ou oficina de artes, bem como das línguas ou de outras disciplinas. Outra falta que eu que eu verifico e devido ao volume de trabalho, porque funcionamos como um agrupamento, era termos a mais do que dois professores para o ensino especial, mais do que uma psicóloga e mais do que um assistente social”</p>	
<p>Projetos do agrupamento de Escolas D. João I que mais contribuem para lidar com as diferenças culturais/sociais;</p>	<p>“[...] Eu iria dizer o clube Ubuntu, parece que de uma forma um bocadinho camuflada, acho que acaba por fazer com que os alunos tenham um espaço onde se sintam eles próprios e com o desenrolar das próprias sessões nós verificámos que eles também se vão soltando um pouco mais. Eu acho que também a presença do assistente social e da psicóloga contribuem para que os</p>	<p>A professora Eulália refere que o Clube Ubuntu é um projeto importante para o desenvolvimento social dos alunos e que a presença do Assistente Social e da Psicóloga é benéfica.</p>

	alunos possam recorrer a essas entidades, para poder resolver, ou mesmo que não seja para resolver pelo menos ter um sítio onde possam, abordar determinadas questões.”	
Equipa técnica e trabalho conjunto com professores, direção escolar, encarregados de educação, na resposta às necessidades sociopedagógicas dos alunos.	“[...] Articulamos primeiro através do contato personalizado que acho que é sempre o mais fácil, e depois temos os recursos através dos documentos oficiais, através de documentos que são disponibilizados através do email, do Google forms também de preenchimento de documentos oficiais. Fazemos levantamento e encaminhamos diretamente para que as coisas fiquem de facto oficializadas, mas o primeiro contato é sempre pessoal e acho que ainda bem, é mais fácil para todos e para conseguirmos encaminhar e os técnicos poderem orientar melhor o seu trabalho.”	A professora Eulália refere que a articulação é realizada através de documentos oficiais, mas que o primeiro contato é pessoal, o que ajuda no seguimento do trabalho.
Propostas para a melhoria da inclusão na escola;	“[...] Era termos mais técnicos para poder orientar de uma forma mais eficaz e mais célere. Muitas vezes os meios não nos são dados e portanto as pessoas acabam por trabalhar da sua boa vontade e sendo de facto muito	A professora Eulália propõe a contratação de mais profissionais para que o trabalho já desenvolvido, consiga alcançar mais alunos.

	profissionais, porque os casos acabam por ser sempre prioritários.”	
--	---	--

Apêndice 7 A – Transcrição da entrevista à coordenadora de acompanhamento dos comportamentos

Data da Entrevista: Dezassete de maio de dois mil e vinte e quatro

Local: Gabinete Assistente Social

1ª Questão

Basicamente estás muito atento às necessidades de cada um e respeitar primeiro as necessidades de cada. Ouvir o aluno ouvir e ouvir não é só ouvir efetivamente é ouvir com os olhos, mas ver com a tua audição e estás atenta a todas as diferenças que ele efetivamente manifesta que às vezes não são só também a nível de cultura.

2ª Questão

Eu não sendo diretora de turma, não estando em nenhum cargo que lide diretamente com alunos e com pais nesse aspecto não sei muito bem. mas eu acho que alguns pais têm muitas dificuldades, chegam aqui com algumas dificuldades e não sabem muito bem por onde se virar e não sei se serão todos muito bem encaminhados, por vezes eu sei que tem assistente social que os ajuda em várias situações e que são encaminhados para lá e agora até recentemente os alunos para instalações de coisas naquelas dúvidas a nível dos computadores. Depois relativamente a nós os professores? nem sempre isto depende muito da origem dos alunos e no meu caso específico ainda recentemente recebi dois alunos provenientes da China. Não foi fácil, eu não falo inglês, eles por acaso inicialmente não falavam, mas era uma questão de vergonha porque na verdade eles até falam português e até me percebem bem, mas se não falassem numa hipotética situação que não falar e não perceber em português, eu não tenho como falar com eles na verdade, eles estão integrados na turma e eu tenho de diferenciar todas as atividades até porque eles são português língua não materna, mas é difícil é muito difícil numa versão de 30 alunos na turma, se procuro? sim procuro. Se é o suficiente? não acho que não é o suficiente, aquilo que eu própria faço acho que não é o suficiente. Tudo é diferente, apesar de eu lhes ter feito esta questão porque não é uma turma muito mal comportada e sinto isso com eles e até tenho um bom relacionamento com a turma, mas às vezes tem aquele barulhinho muito fundo etc. e eu cheguei a questioná-los se na China era assim também

porque eu achava que era tipo um Japão, que era tudo muito certo, muito organizado e fiquei espantada quando eles me disseram que não que era muito melhor. e eu isto é melhor? sim é muito melhor dizem eles porque lá parece que é mais pelo menos onde eles estavam sinceramente não sei qual era qual era o sítio na China, que era mais confuso mais barulhento. Eu sinceramente, acho que os meninos continuam perdidos por isso se calhar nós não estamos a fazer um bom trabalho muito honestamente e a culpa não é só nossa, é nossa e das famílias é deles. Posso exemplificar porque eu fiz uma formação este ano e agora lembrei-me de repente e achei genial, o projeto que foi implementado naquela escola, ou seja, estavam várias escolas estávamos a ter a formação com a direções e nós éramos os únicos elementos do Conselho geral e não havia ninguém na direção. Uma escola do Barreiro fez o quê? Durante o início do mês de setembro, na quinzena em que ainda não há aulas, todos os alunos de português língua não materna tiveram os primeiros quinze dias inseridos na escola no mesmo grupo todos juntos, quer sejam da pré quer sejam do nono ano estavam todos juntos e com obviamente professores, e entretanto fizeram durante os primeiros quinze dias ferramentas da língua portuguesa, o saber pedir as coisas, o conhecerem o espaço, conhecer os professores, a integração em escola no ambiente escolar, os colegas com quem é que eles podem imagina, ajudar auxiliar se tiverem alguma dúvida porque nem todos falam a mesma língua, mas se calhar há uma língua comum entre dois ou três e se calhar um deles fala inglês e pode perguntar. Isto foi muito importante e eles notaram ao longo do primeiro período, uma evolução muito positiva. Se calhar era interessante pensarmos por exemplo uma coisa destas, isto é só um exemplo, mas uma maneira de integrarmos antes estes alunos claro que o que acontece na nossa realidade e certamente na realidade os nossos vizinhos é que nós recebemos em setembro, em outubro, em janeiro, em fevereiro, em maio e estamos constantemente a receber, como é óbvio são eu acho que é muito mais difícil para esses, pois são jogados entre aspas numa turma e integrá-los nessa altura é difícil, eles sentem-se muito amparados e temos exemplos concretos que tu sabes muito bem que até há pouco tempo tiveram de mudar e mesmo com a mudança, quando um menino chega aqui a chorar para arranque não quer vir para a escola alguma coisa se passa somos nós estamos a falhar também somos pais claramente também há situações em que nós nem sempre estamos a trabalhar em conjunto é a minha.

Então o primeiro que eu vou muito honestamente apontar é o Ubuntu, apesar de não incluir todos os alunos, mas os alunos que estão integrados no projeto se calhar não são esses alunos de português língua não materna ou alunos que vêm e que precisavam ali de uma mãozinha, não sei se estou errada ou não, mas eu acho que é assim, no entanto todas as atividades que são promovidas através do projeto e que e que depois vão às turmas e falam acho que é um projeto que efetivamente está aqui a abranger isto tudo. Depois o projeto PIV sem dúvida que trabalha com todos os alunos. Agora aquilo que mais trabalha se calhar com essa diferença com esse auxílio acho que são os dois primeiros que eu referi até porque o PIV tem esse intuito e esse grande objetivo por isso só podia estar um mundo noutra perspetiva, mas também.

4ª Questão

Existe uma equipa técnica, existe o assistente social, existe efetivamente a psicóloga, existe depois a direção que faz parte da equipa técnica obviamente, existe a coordenação de português língua não materna que também tem que estar inserida aí nessa equipa técnica na minha opinião, existe o projeto da do português língua não materna por acaso há bocado não referi mas devia ter referido na pergunta anterior claramente o projeto Cyber escola não é, mas mais a nível de português língua não materna, mas existe isso tudo. Se está isso tudo a funcionar? uns melhores do que outros. A nível do acompanhamento psicológico para estes alunos acho que é escasso, mas eu não tenho a noção se calhar de tudo o que se passa porque muitas coisas são sigilosas e não chegam lá, mas acho que neste caso uma não chega na minha opinião temos aqui casos graves e que precisavam de muito acompanhamento não só esses como outros e por isso acho que é escasso. Quanto ao assistente social acho que atua e atua muito bem quando se sabe das situações e aquilo que acontece muitas das vezes é que alguns diretores de turma não transmitem a mensagem que deve ser transmitida.

5ª Questão

Tenho propostas até a nível de inclusão acho que o projeto PIV é claramente um excelente projeto e deve continuar, por isso acho que sim. Claramente continuar com assistente social porque faz toda a diferença. A ideia que exemplifiquei à pouco dos alunos quando estão previamente identificados e recém chegados, haver ali uma semana de acompanhamento de eles estarem juntos conhecerem os funcionários antes de

iniciarem a escola acho que é uma excelente atividade ou o projeto, acho que a educação inclusiva tem de funcionar de uma outra forma e estamos aqui também no referi a nenhuma das outras perguntas e há bocado também devia ter referido se calhar é porque existe a também assunto técnicos e estão aqui envolvidos também estamos com pouco pessoal e não me parece que esteja a funcionar como deve de ser, tinha de ser revisto pelo menos aqui desta forma. Acho que o projeto que existe, o PIV engloba todos os outros projetos por isso acho que faz sentido ele existir e continuar a existir obviamente sem o assistente social vai ser difícil ele continuar vivo.

Apêndice 7 B – Sinopse da análise da entrevista à coordenadora de acompanhamento dos comportamentos

Categorias	Vozes	Interpretação
<p>Maiores desafios na resposta às necessidades individuais dos alunos numa sala de aula com diferentes culturas;</p>	<p>“[...] Basicamente estás muito atento às necessidades de cada um e respeitar primeiro as necessidades de cada. Ouvir o aluno ouvir e ouvir não é só ouvir efetivamente é ouvir com os olhos, mas ver com a tua audição e estás atenta a todas as diferenças que ele efetivamente manifesta que às vezes não são só também a nível de cultura.”</p>	<p>A professora Sandrine refere ser importante estar atento a todas as diferenças culturais existentes dentro de uma sala de aula para que todos se sintam respeitados.</p>
<p>Principais necessidades que identifica na escola relativamente aos recursos educacionais, suporte administrativo e desenvolvimento profissional;</p>	<p>“[...] eu acho que alguns pais têm muitas dificuldades, chegam aqui com algumas dificuldades e não sabem muito bem por onde se virar e não sei se serão todos muito bem encaminhados, por vezes eu sei que tem assistente social que os ajuda em várias situações e que são encaminhados para lá e agora até recentemente os alunos para instalações de coisas naquelas dúvidas a nível dos computadores. Depois relativamente a nós os</p>	<p>A professora Sandrine destaca as dificuldades dos Encarregados de Educação em obter ajuda e que alguns professores demonstram dificuldade em ajudar os alunos dependendo da sua origem.</p>

	professores? nem sempre isto depende muito da origem dos alunos”	
<p>Projetos do agrupamento de Escolas D. João I que mais contribuem para lidar com as diferenças culturais/sociais;</p>	<p>“ [...] Então o primeiro que eu vou muito honestamente apontar é o Ubuntu, apesar de não incluir todos os alunos, mas os alunos que estão integrados no projeto se calhar não são esses alunos de português língua não materna ou alunos que vêm e que precisavam ali de uma mãozinha, não sei se estou errada ou não, mas eu acho que é assim, no entanto todas as atividades que são promovidas através do projeto e que e que depois vão às turmas e falam acho que é um projeto que efetivamente está aqui a abranger isto tudo. Depois o projeto PIV sem dúvida que trabalha com todos os aluno”</p>	<p>Para a professora Sandrine os projetos que contribuem para as diferenças culturais são o Ubuntu e o PIV.</p>

<p>Equipa técnica e trabalho conjunto com professores, direção escolar, encarregados de educação, na resposta às necessidades sociopedagógicas dos alunos.</p>	<p>“[...] Existe uma equipa técnica, existe o assistente social, existe efetivamente a psicóloga, existe depois a direção que faz parte da equipa técnica obviamente, existe a coordenação de português língua não materna que também tem que estar inserida aí nessa equipa técnica na minha opinião”</p>	<p>A professora Sandrine refere os profissionais que trabalham em conjunto para colmatar as necessidades.</p>
<p>Propostas para a melhoria da inclusão na escola;</p>	<p>“[...] Acho que o projeto que existe, o PIV engloba todos os outros projetos por isso acho que faz sentido ele existir e continuar a existir obviamente sem o assistente social vai ser difícil ele continuar vivo.”</p>	<p>A professora Sandrine refere que o projeto implementado no presente ano letivo, deverá ter continuidade, uma vez que trabalha a inclusão e a interculturalidade.</p>

Apêndice 8 A – Transcrição da Entrevista à Coordenadora dos Diretores de Turma

Data da Entrevista: Vinte de maio de dois mil e vinte e quatro

Local: Gabinete Assistente Social

1ª Questão

É o facto de termos às vezes muitos alunos em sala de aula, neste momento só nas turmas de quinto é que isso não acontece e nessas turmas em que isso não acontece o desafio é mesmo a compreensão dos outros para com o trabalho que tem que ser desenvolvido de forma diferente, porque neste momento todos precisam de ajuda e eles não compreendem se é por virem uma língua estrangeira, de outro país todos querem nossa atenção e o facto de estarmos a ajudar aqueles alunos, os outros sentem que estão a ser excluídos porque isto na cabeça deles, ainda não faz muito sentido e até mesmo quando os tentamos envolver na ajuda aos outros, há grupos que aceitam isto depende das turmas. Há outros grupos que não aceitam assim muito bem, neste momento a sala de aula é o maior desafio é lidar com as diferenças porque nem sempre eles percebem que aquele tem uma particularidade diferente do outro e daí fazer, é como nos testes eles às vezes percebem que há testes diferentes.

2ª Questão

Nós temos alunos que vêm de fora que são excelentes alunos e muito inteligentes, faltava haver aqui uma dinâmica diferente de integração. Um grupo de professores que fizessem a integração destes alunos e comesassem primeiro por aí a ter aulas de parte da turma e depois é que era integrado na turma ou pelo menos nas práticas estarem juntos, mas nas teóricas haver um grupo mais reduzido, tipo um apoio mais individualizado. A nível de educação, era aquilo que poderia ajudar a nível administrativo, acho que as coisas até correm bem porque quer na parte ali da secretaria são pessoas muito atentas às necessidades e quando se apercebem que vem alguém de fora e precisa de alguma coisa ajudam e depois aqui dentro também temos, as coisas a funcionar nomeadamente o

Assistente Social, quando é preciso alguma coisa lá vamos chamar o Miguel articulámos e é aquilo que eu acho que há aqui de bom é que as pessoas conseguem falar umas com as outras e articular as coisas umas com as outras. Acho que o que fazia aqui mais falta era mesmo atuação a nível de sala de aula ou dos conhecimentos dos alunos por exemplo temos as salas de estudo não sei se estes professores que estão em sala de estudo, mas não seria melhor o recurso disponibilizado só para estes alunos não ser assim aberto terem ali um empurrãozinho vá.

3ª Questão

O Ubuntu acho que é o principal, depois é o PIV, eu tenho pena é que o PIV passe despercebido porque há muitas coisas que são feitas e que não são visíveis, ou as pessoas não querem ver, porque é um projeto que pode ser articulado com tanta gente e articula com tanta gente que às vezes é mais fácil não ver porque assim os outros não são reconhecidos pelo trabalho que têm. Acho que é um bocado por aí mas pelo menos estes DOIS que são os principais.

4ª Questão

Nós articulamos todos muito bem uns com os outros, na direção temos a porta sempre aberta, aquilo que é necessário vamos lá diretamente e aquilo é que conseguem ajudar no imediato, temos respostas imediatas, nomeadamente algumas carências sociais já aí foram diagnosticadas e a própria direção tomou a iniciativa contigo de se pedir bens monetários ou materiais para ajudar as famílias. A psicóloga também tem a porta aberta sempre que preciso articular com ela, às vezes o pior é a disponibilidade para receber a alunos mas aquele trabalho logo de imediato muitas das vezes é o fundamental. é ela que o faz porque muitas das vezes eles só querem uma palavrinha, só precisam de alguém que lhes dê uma atenção e que lhe dê uma palavrinha para os conduzir e até de carácter informal às vezes tenho ouvido ela dizer, então precisas de alguma coisa vá lá minha porta e eles às vezes até vão dizer olha agora estou melhor obrigado agora precisava dar-lhe uma palavrinha isso é feito e da tua parte também sempre que é necessário lá está o Miguel, a resolver a articulámos e quer pessoalmente quer por e-mail ou por mensagens, termos uma boa articulação é assim que eu vejo as coisas.

5ª Questão

Eu acho que a inclusão é uma coisa que tem que ser trabalhada, o arraial é um espetáculo que se for bem conduzido pode ser uma forma de inclusão porque as pessoas que lá estão são incluídas e querem mostrar também um bocadinho da cultura delas não é, porque é um incluir e respeitarmo-nos uns aos outros nas nossas diferenças por enquanto não temos ninguém de burca, mas qualquer dia pode desaparecer nós temos que respeitar uns aos outros, acho que se calhar no início do ano poderia ser feito ao meio do ano porque há muitos miúdos que chegam mais tarde algo mesmo direcionado para a multiculturalidade e não temos assim grandes atividades a não ser pelos projetos que envolve a escola toda e eu acho que isso é que era importante, por exemplo esta é a semana de uma nacionalidade qualquer à nossa escolha ou o fazer por semanas ou por dias qualquer coisa para essas crianças sentirem que também pensam neles que eles fazem parte da nossa comunidade escolar.

Apêndice 8 B – Sinopse da análise da entrevista à coordenadora dos Diretores de Turma

Categorias	Vozes	Interpretação
<p>Maiores desafios na resposta às necessidades individuais dos alunos numa sala de aula com diferentes culturas;</p>	<p>“[...] É o facto de termos às vezes muitos alunos em sala de aula, neste momento só nas turmas de quinto é que isso não acontece e nessas turmas em que isso não acontece o desafio é mesmo a compreensão dos outros para com o trabalho que tem que ser desenvolvido de forma diferente, porque neste momento todos precisam de ajuda e eles não compreendem se é por virem uma língua estrangeira, de outro país todos querem nossa atenção e o facto de estarmos a ajudar aqueles alunos, os outros sentem que estão a ser excluídos porque isto na cabeça deles, ainda não faz muito sentido e até mesmo quando os tentamos envolver na ajuda aos outros, há grupos que aceitam isto depende das turmas.”</p>	<p>A professora Maria refere que o grande desafio passa pelo elevado número de alunos existentes dentro da sala de aula. Os alunos procuram muito a atenção do professor independentemente da sua nacionalidade.</p>
<p>Principais necessidades que identifica na escola</p>	<p>“[...] Nós temos alunos que vêm de fora que são excelentes alunos e muito inteligentes, faltava</p>	<p>A professora Maria refere ser necessário implementar métodos de ensino que vão ao encontro</p>

<p>relativamente aos recursos educacionais, suporte administrativo e desenvolvimento profissional;</p>	<p>haver aqui uma dinâmica diferente de integração. Um grupo de professores que fizessem a integração destes alunos e começassem primeiro por aí a ter aulas de parte da turma e depois é que era integrado na turma ou pelo menos nas práticas estarem juntos, mas nas teóricas haver um grupo mais reduzido, tipo um apoio mais individualizado”</p>	<p>das necessidades dos alunos, como por exemplo os alunos com alguma dificuldade linguística serem integrados em turmas específicas com capacidade de responder às características do aluno.</p>
<p>Projetos do agrupamento de Escolas D. João I que mais contribuem para lidar com as diferenças culturais/sociais;</p>	<p>“[...] O Ubuntu acho que é o principal, depois é o PIV, eu tenho pena é que o PIV passe despercebido porque há muitas coisas que são feitas e que não são visíveis, ou as pessoas não querem ver, porque é um projeto que pode ser articulado com tanta gente e articula com tanta gente que às vezes é mais fácil não ver porque assim os outros não são reconhecidos pelo trabalho que têm.”</p>	<p>A professora Maria destaca dois projetos que desenvolvem ativamente o trabalho com os alunos relativamente às diferenças culturais, o Ubuntu e o PIV.</p>

<p>Equipa técnica e trabalho conjunto com professores, direção escolar, encarregados de educação, na resposta às necessidades sociopedagógicas dos alunos.</p>	<p>“[...] Nós articulamos todos muito bem uns com os outros, na direção temos a porta sempre aberta, aquilo que é necessário vamos lá diretamente e aquilo é que conseguem ajudar no imediato, temos respostas imediatas, nomeadamente algumas carências sociais já aí foram diagnosticadas e a própria direção tomou a iniciativa com o Assistente Social de se pedir bens monetários ou materiais para ajudar as famílias. A psicóloga também tem a porta aberta sempre que preciso articular com ela, às vezes o pior é a disponibilidade para receber a alunos mas aquele trabalho logo de imediato muitas das vezes é o fundamental. é ela que o faz porque muitas das vezes eles só querem uma palavrinha, só precisam de alguém que lhes dê uma atenção e que lhe dê uma palavrinha para os conduzir e até de carácter informal às vezes tenho ouvido ela dizer, então precisas de alguma coisa vá lá minha porta e eles às vezes até vão dizer olha agora estou melhor obrigado agora</p>	<p>A professora Maria referiu o trabalho da direção na resposta imediata às situações que acontecem. O papel da psicóloga e do assistente social na resolução das situações. Destacou o papel de todos os intervenientes e da facilidade existente que os professores têm no contato direto com todos os profissionais.</p>
--	---	---

	<p>precisava dar-lhe uma palavrinha isso é feito e da tua parte também sempre que é necessário lá está o Miguel, a resolver a articularmos e quer pessoalmente quer por e-mail ou por mensagens, termos uma boa articulação é assim que eu vejo as coisas.”</p>	
<p>Propostas para a melhoria da inclusão na escola;</p>	<p>“[...] acho que se calhar no início do ano poderia ser feito ao meio do ano porque há muitos miúdos que chegam mais tarde algo mesmo direcionado para a multiculturalidade e não temos assim grandes atividades a não ser pelos projetos que envolve a escola toda e eu acho que isso é que era importante, por exemplo esta é a semana de uma nacionalidade qualquer à nossa escolha ou o fazer por semanas ou por dias qualquer coisa para essas crianças sentirem que também pensam neles que eles fazem parte da nossa comunidade escolar.”</p>	<p>A professora Maria refere a necessidade de realizar diversas atividades que envolvam as diferentes culturas existentes na escola, para que os alunos se sintam que a escola reconhece e respeita os seus costumes.</p>

Apêndice 9 A – Sinopse da análise da entrevista a uma professora do 1º Ciclo

Data da Entrevista: Vinte de junho de dois mil e vinte e quatro

Local: Gabinete Assistente Social

1ª Questão

Em 1.º lugar é importante tentar criar laços com os alunos e procurar conhecê-los o melhor possível.

Nem sempre é fácil gerir o tempo necessário para uma fase de adaptação para novas realidades culturais e sociais, quer para o professor, quer para os alunos.

Um dos grandes desafios para ambos prende-se com a barreira linguística e com a falta de recursos humanos nas escolas para, efetivamente, apoiarem estes alunos que, frequentemente, chegam do estrangeiro, muitas vezes, já num 2.º ou mesmo no 3.º período.

Outro desafio está relacionado com o combate ao preconceito e à discriminação e o professor tem o dever de intervir no sentido de apoiar estes alunos a enfrentar desafios como racismo, xenofobia e até discriminação religiosa.

2ª Questão

Existe sempre algo a melhorar para tornar o ambiente educativo cada vez mais produtivo.

Eu apontaria, por exemplo, a nível da formação, a área do português, língua não materna e a nível administrativo, a escola ter acesso ao histórico de vida, contexto social, preferências e habilidades dos alunos.

3ª Questão

Ubuntu e PIV- “Projeto Intervir e Valorizar”.

4ª Questão

Sim, tenho conhecimento de algumas práticas realizadas por professores do agrupamento que fazem parte do “Projeto Intervir e Valorizar”, inclusive já tiveram algumas participações junto da minha atual turma e que, para mim, faz todo o sentido, pois um dos pilares da Escola é a Educação em Valores, aspeto que considero fundamental, desde muito cedo.

A minha experiência com a equipa foi positiva, uma vez que vem reforçar um trabalho diário relacionado com os valores, o respeito pela diferença e tantos outros temas relacionados com a Cidadania e Desenvolvimento, temas estes, transversais às várias disciplinas, uma vez que os valores existem em todas as áreas do nosso dia-a-dia.

5ª Questão

Para melhorar a inclusão na escola, na minha opinião, deveria existir:

- momentos de acolhimento a alunos, principalmente, vindos do estrangeiro;
- mais profissionais para apoio a alunos/professores/famílias;
- promoção de convívio social dentro da comunidade escolar;

- diálogo aberto sobre as diferenças, bem como o respeito por aqueles com diferentes habilidades, origens culturais e necessidades especiais.

Apêndice 9 B – Sinopse da análise da entrevista a uma professora do 1º ciclo

Categorias	Vozes	Interpretação
<p>Maiores desafios na resposta às necessidades individuais dos alunos numa sala de aula com diferentes culturas;</p>	<p>“[...] Um dos grandes desafios para ambos prende-se com a barreira linguística e com a falta de recursos humanos nas escolas para, efetivamente, apoiarem estes alunos que, frequentemente, chegam do estrangeiro, muitas vezes, já num 2.º ou mesmo no 3.º período.”</p>	<p>A professora Cristina refere que o grande desafio passa pela dificuldade na barreira linguística e da falta de recursos humanos para apoiar os alunos.</p>
<p>Principais necessidades que identifica na escola relativamente aos recursos educacionais, suporte administrativo e desenvolvimento profissional;</p>	<p>“[...] Eu apontaria, por exemplo, a nível da formação, a área do português, língua não materna e a nível administrativo, a escola ter acesso ao histórico de vida, contexto social, preferências e habilidades dos alunos.”</p>	<p>A professora Cristina aponta para uma maior formação na área do português, língua não materna e ainda o acesso da escola a um histórico de vida dos alunos recém-chegados.</p>
<p>Projetos do agrupamento de Escolas D. João I que mais contribuem para lidar com as diferenças culturais/sociais;</p>	<p>Ubuntu e PIV- “Projeto Intervir e Valorizar”.</p>	<p>A professora Cristina aponta para dois projetos o PIV e o Ubuntu.</p>

<p>Equipa técnica e trabalho conjunto com professores, direção escolar, encarregados de educação, na resposta às necessidades sociopedagógicas dos alunos.</p>	<p>“[...] tenho conhecimento de algumas práticas realizadas por professores do agrupamento que fazem parte do “Projeto Intervir e Valorizar”, inclusivamente já tiveram algumas participações junto da minha atual turma e que, para mim, faz todo o sentido, pois um dos pilares da Escola é a Educação em Valores, aspeto que considero fundamental, desde muito cedo”</p>	<p>A professora Cristina refere ter conhecimento do projeto PIV como um projeto bastante amplo e que desenvolve com os alunos um trabalho importante relacionado com as suas competências sociais.</p>
<p>Propostas para a melhoria da inclusão na escola;</p>	<p>“Para melhorar a inclusão na escola, na minha opinião, deveria existir: - momentos de acolhimento a alunos, principalmente, vindos do estrangeiro;- mais profissionais para apoio a alunos/professores/famílias;- promoção de convívio social dentro da comunidade escolar;- diálogo aberto sobre as diferenças, bem como o respeito por aqueles com diferentes habilidades, origens culturais e necessidades especiais.”</p>	<p>A professora Cristina indicou diversas propostas para melhorar a inclusão nas escolas, na qual refere a importância da criação de um acolhimento a alunos estrangeiros.</p>

Apêndice 10 A – Sinopse da análise da entrevista à aluna Matilde Lima do Agrupamento de Escolas D. João I

Data da Entrevista: Vinte de maio de dois mil e vinte e quatro

Local: Gabinete Assistente Social

1ª Questão

A forma como aprendo, às vezes eu, posso não perceber o que os professores podem explicar, alguns explicam de certa forma que, pronto, como é que eu explico? Acham que estamos num nível mais elevado de escolaridade. No ambiente escolar não tenho muitos problemas porque sou uma pessoa muito neutra e dou-me bem geralmente e quanto ao bem-estar emocional, fora da escola tenho apoio de psicóloga e depois também eu sei que se me sentir mal posso falar com alguém que eu conheça sendo professores ou colegas.

2ª Questão

Eu acho que podiam ter melhores equipamentos, por exemplo, um laboratório melhor ou um laboratório em si, ou seja, uma melhoria do equipamento. Eu gosto dos professores que andam cá.

3ª Questão

Eu acho que sim, por exemplo devido a você, eu estou no Ubuntu e consegui conhecer pessoas novas e tive novas experiências e então, eu acho que isso também ajudou, mas eu sou uma pessoa que consegue integrar com facilidade.

4ª Questão

O Ubuntu, porque o ubuntu faz com que as pessoas sejam melhores, mas isso é apenas para as pessoas que valorizam toda a semana porque por exemplo para mim fez impacto e agora posso ver as coisas com uma certa perspetiva que eu antes não via e acho que se toda a gente tivesse esta experiência podia ajudar muita gente e pronto.

5ª Questão

Eu acho que devia haver uma boa relação entre todos porque hoje em dia há muita falta de respeito e quando vejo isso incomoda-me muito, até porque tenho muito respeito por quem é mais velho que eu. Então eu acho que deviam tentar conversar mais e tentar ter uma boa relação, mesmo que seja entre professor e aluno porque hoje em dia há coisas que me incomodam. Depende do professor, os alunos podem ver um professor que mostre muita rigidez e eles sabem que não conseguem brincar e estar na palhaçada, então eles ficam na linha, só que depois quando vêm um professor que é mais descontraído entre aspas, eles aproveitam-se disso.

6ª Questão

É sempre bom ter mais gente, quando você e a psicóloga vieram mudou muita coisa para melhor. Muita gente precisa de falar com alguém e temos a psicóloga e também o temos a você.

Apêndice 10 B – Sinopse da entrevista à aluna Matilde Lima do Agrupamento de Escolas D. João I

Categorias	Vozes	Interpretação
<p>Quais os principais desafios que enfrentas na escola em relação à forma como aprendes, o ambiente escolar e o teu bem-estar emocional?</p>	<p>“ [...] No ambiente escolar não tenho muitos problemas porque sou uma pessoa muito neutra e dou-me bem geralmente e quanto ao bem-estar emocional, fora da escola tenho apoio de psicóloga[...]”</p>	<p>A aluna Matilde Lima, evidencia não ter dificuldades no ambiente escolar, pois considera-se uma pessoa “neutra”. No que se refere ao bem-estar emocional, admite ser seguida em psicologia fora do contexto escolar.</p>
<p>Onde é que a escola pode melhorar para responder às tuas necessidades enquanto aluno e pessoa?</p>	<p>“Eu acho que podiam ter melhores equipamentos, por exemplo, um laboratório melhor[...]”.</p>	<p>A aluna destaca como ponto a melhorar alguns equipamentos específicos nomeadamente nas salas de laboratório.</p>
<p>De que maneira os professores e toda a comunidade educativa contribuem para a tua integração/inclusão ou não, na tua turma e na escola? Queres dar um exemplo?</p>	<p>“[...] devido a você, eu estou no Ubuntu e consegui conhecer pessoas novas e tive novas experiências e então, eu acho que isso também ajudou, mas eu sou uma pessoa que consegue integrar com facilidade.”</p>	<p>A aluna Matilde Lima, atribui a oportunidade de integrar o Clube Ubuntu ao Assistente Social, evidenciando a sua importância para a aquisição de competências sociais apesar de se integrar com facilidade.</p>

<p>Dos projetos da escola qual o que na tua opinião mais ajuda no sucesso académico e que trabalha a inclusão? Podes justificar?</p> <p>Onde é que a escola pode melhorar para responder às tuas necessidades enquanto aluno e pessoa?</p>	<p>“O Ubuntu, porque o ubuntu faz com que as pessoas sejam melhores, mas isso é apenas para as pessoas que valorizam toda a semana porque por exemplo para mim fez impacto e agora posso ver as coisas com uma certa perspetiva que eu antes não via e acho que se toda a gente tivesse esta experiência podia ajudar muita gente e pronto.”</p>	<p>A aluna Matilde Lima afirma que o Ubuntu contribui para trabalhar vários aspetos académicos e de inclusão. Segundo a própria a semana Ubuntu teve um impacto positivo e fê-la encarar várias situações com uma nova perspetiva.</p>
<p>Em que medida a relação entre alunos, professores e direção escolar são importantes para criar um ambiente escolar mais inclusivo? Queres exemplificar?</p>	<p>“Eu acho que devia haver uma boa relação entre todos porque hoje em dia há muita falta de respeito e quando vejo isso incomoda-me muito, até porque tenho muito respeito por quem é mais velho que eu [...]”.</p>	<p>A aluna informa que nem sempre existe uma boa relação entre professores e alunos e que isso a deixa desconfortável, pois do seu ponto de vista é importante o respeito para com os mais velhos.</p>

<p>Achas que a escola atual funciona bem apenas só com professores ou precisa de outros técnicos? Queres justificar?</p>	<p>“É sempre bom ter mais gente, quando você e a psicóloga vieram mudou muita coisa para melhor. Muita gente precisa de falar com alguém e temos a psicóloga e também o temos a você.”</p>	<p>A aluna reforça a importância de existir outros técnicos na escola como a Psicóloga e o Assistente Social.</p>
--	--	---

Apêndice 11 A - Sinopse da análise da entrevista à aluna Kayana Barbosa do Agrupamento de Escolas D. João I

Data da Entrevista: Trinta e um de maio de dois mil e vinte e quatro

Local: Gabinete Assistente Social

1ª Questão

Eu acho que tem mais a ver com os professores, alguns deles quando os alunos apresentam dúvidas em relação ao que foi dado, não tem paciência que é para voltar a explicar eu acho que isso é mau, porque não facilita os alunos a se expressarem mais. Em relação ao ambiente escolar eu acho que é bom, depende de algumas pessoas, eu acho que tem algumas pessoas que fazem comentários maldosos, tem alguns funcionários também e alguns professores que fazem comentários não construtivos para os alunos e eu acho que isso afeta também o bem-estar emocional de algumas pessoas.

2ª Questão

No logo no início a escola organizar alguma apresentação no auditório que é para apresentar não todos assim de uma maneira geral que é para fazer os novos alunos também sentir a sentirem-se mais incluídos e a escola, já algumas professores a direção explica como é que as coisas funcionam como é que deve ser como é que não deve ser e tentamos o máximo incluir as pessoas novas que chegaram agora.

3ª Questão

Contribuem bastante mesmo, vou dizer o meu caso, no início desse ano letivo, as coisas não estiverem a correr muito bem e eu tive sempre assistente social aqui presente de portas abertas que é para me ajudar sempre a mudar alguma coisinha ou outra a escola também a direção teve sempre disponível e ajudaram me também em questões pessoais assim de alimentação e tudo mais, então eu acho que a escola é incrível isso.

4ª Questão

Eu acho que é o projeto Ubuntu porque ensina os alunos a colocarem se no lugar dos outros a sentir mais empatia e a calçar os sapatos dos outros e a tentar compreender mais o ponto de vista das outras pessoas eu acho que isso é importante que é para que para o futuro e para nós conseguirmos entender mais o que é para nós conseguirmos entender um bocadinho, como é que as coisas realmente funcionam.

5ª Questão

Eu acho que se alguns professores, vou dar um vou dar um exemplo, tem alguns professores que percebem que algum aluno não está em condições na aula na sala de aulas, não está na mesma posição de sempre e questionam a em público o que é que estás a passar está acontecer alguma coisa em casa ou pronto está tudo bem em casa e eu acho que isso é uma falta de respeito para com o aluno porque ele pode não se sentir à vontade de responder essa questão em Público e não ter a coragem de dizer professora, não quero dizer isso agora se calhar podia no final da aula, vir ter comigo e perguntar e também eu acho que o aluno não é obrigado a responder, mas eu acho que se os professores pensassem um bocadinho mais desse lado e também eu acho que os professores devem tratar os alunos de forma igual, o que é que eu quero dizer com isso? tem alguns alunos nessa escola que tem alguns problemas psicológicos. Os professores sabem disso e algumas pessoas têm conhecimento disso só que eles têm um tratamento diferente, especial para essas pessoas e não é igual para com os outros alunos e eu acho isso errado porque o aluno pela qual recebe o tratamento especial pode aproveitar-se disso que é para que é para gozar com os outros que não recebem porque isso isso acontece frequentemente e eu conheço pessoas que reclamam por causa disso os professores dão mais razão a essas pessoas do que às outras eu acho isso errado.

6ª Questão

Eu acho que eu acho que não, porque tem algumas turmas no caso que trabalham com há manuais digitais com PC e essas coisas e temos apenas o professor de tic que é para caso algum dos p CS a voar e que é para arranjar e apenas um professor para isso eu acho que não dá e eu acho também que podíamos ter mais alguns funcionários, porque às vezes quando alguns alunos precisam de alguma coisa não encontramos funcionários nos blocos e não facilita.

Apêndice 11 B - Sinopse da entrevista à aluna Kayana Barbosa do Agrupamento de Escolas D. João I

Categorias	Vozes	Interpretação
<p>Quais os principais desafios que enfrentas na escola em relação à forma como aprendes, o ambiente escolar e o teu bem-estar emocional?</p>	<p>“ [...] Em relação ao ambiente escolar eu acho que é bom, depende de algumas pessoas, eu acho que tem algumas pessoas que fazem comentários maldosos [...]”.</p>	<p>A aluna Kayana destaca o ambiente escolar como positivo, contudo na sua opinião existem alguns comentários maldosos.</p>
<p>Onde é que a escola pode melhorar para responder às tuas necessidades enquanto aluno e pessoa?</p>	<p>“[...] No logo no início a escola organizar alguma apresentação no auditório que é para apresentar não todos assim de uma maneira geral que é para fazer os novos alunos também sentir a sentirem-se mais incluídos”</p>	<p>A aluna Kayana refere ser importante a escola organizar um momento de convívio para que os alunos possam estabelecer um contacto direto.</p>
<p>De que maneira os professores e toda a comunidade educativa contribuem para a tua integração/inclusão ou não, na tua turma e na escola? Queres dar um exemplo?</p>	<p>“Contribuem bastante mesmo, vou dizer o meu caso, no início desse ano letivo, as coisas não estiverem a correr muito bem e eu tive sempre assistente social aqui presente de portas abertas que é para me ajudar sempre a mudar alguma coisinha ou outra a escola também a direção teve sempre disponível e ajudaram me também em questões pessoais assim de alimentação e tudo mais, então eu acho que a escola é incrível isso.”</p>	<p>A aluna Kayana refere que a escola tem um papel importante na inclusão e deu como exemplo a sua situação onde os profissionais existentes ajudaram a aluna a integrar-se na escola.</p>

<p>Dos projetos da escola qual o que na tua opinião mais ajuda no sucesso académico e que trabalha a inclusão? Podes justificar?</p>	<p>“Eu acho que é o projeto Ubuntu porque ensina os alunos a colocarem se no lugar dos outros a sentir mais empatia e a calçar os sapatos dos outros e a tentar compreender mais o ponto de vista das outras pessoas eu acho que isso é importante que é para que para o futuro e para nós conseguirmos entender mais o que é para nós conseguirmos entender um bocadinho, como é que as coisas realmente funcionam.”</p>	<p>Para a aluna Kayana o projeto que mais trabalha a inclusão é o Ubuntu, pois ajuda os alunos a colocarem-se no papel dos outros, preparando-os para a vida fora da escola.</p>
<p>Em que medida a relação entre alunos, professores e direção escolar são importantes para criar um ambiente escolar mais inclusivo? Queres exemplificar?</p>	<p>“[...] Eu acho que se alguns professores, vou dar um vou dar um exemplo, tem alguns professores que percebem que algum aluno não está em condições na aula na sala de aula, não está na mesma disposição de sempre e questionam em público o que é que está a passar. Se está acontecer alguma coisa em casa ou pronto está tudo bem em casa e eu acho que isso é uma falta de respeito para com o aluno porque ele pode não se sentir à vontade de responder essa questão em Público e não ter a coragem de dizer professora, não quero dizer isso agora se calhar podia</p>	<p>A aluna Kayana refere que alguns professores preocupam-se com os alunos, mas gostaria que alguns docentes tivessem sensibilidade para abordarem assuntos pessoais no final da aula.</p>

	no final da aula, vir ter comigo e perguntar e também eu acho que o aluno não é obrigado a responder”	
Achas que a escola atual funciona bem apenas só com professores ou precisa de outros técnicos? Queres justificar?	“[...] eu acho também que podíamos ter mais alguns funcionários, porque às vezes quando alguns alunos precisam de alguma coisa não encontramos funcionários nos blocos e não facilita.”	A aluna refere que a escola necessita de mais funcionários, uma vez que muitas vezes devido à falta dos mesmos, os alunos não conseguem resolver algumas situações.

Apêndice 12 A - Sinopse da análise da entrevista a uma Encarregada de Educação e Presidente da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas D. João I

Data da Entrevista: Onze de junho de dois mil e vinte e quatro

Local: Gabinete Assistente Social

1ª Questão

As preocupações e acima de tudo a integração dos mesmos na escola, o não se sentirem, não aconteceu e não falo de todo por experiência própria porque os meus filhos, uma ainda anda cá, a Vitória mais velha que já saiu e para o ano irei ter o meu mais novo que vai transitar agora para o quinto ano, mas a minha preocupação é acima de tudo a integração deles porque acho que a escola é muito mais do que do que a avaliação das notas e tenho tido a experiência em relação a isso, mas se esses termos são muito gerais a minha preocupação é assim a nível de aprendizagem não tenho nada a dizer eles têm sido até agora não tenho nada a dizer em relação a aprendizagem.

2ª Questão

Promover uma maior comunicação com os encarregados de educação, enquanto associação de pais também vejo que não é fácil não é fácil nós conseguimos angariar os pais para este meio porque não é, eu enquanto encarregado de educação também no geral também vejo que o envolvimento dos pais até nas próprias reuniões que deveria ser uma coisa muito mais, não é obrigatória, mas o interesse é muito mais incutido, não é por receber as notas vão ouvir e ver se cada vez menos encarregados de educação nas reuniões. Por isso acho que acima de tudo, agora propostas de como fazer é talvez uma maior divulgação da existência da associação de pais ou tentar marcar mais ações ou mais reuniões de encarregados de educação, mas também percebo que isso já foi feito eles não aparecem, mas propostas não tenho nenhuma confesso. acho que era importante esse papel da escola promover muito mais a comunicação entre os pais e a própria escola já fui através da associação de pais seria mais fácil, mas acho que muitos

pais nem sequer sabem que existe uma associação de pais se calhar também é responsabilidade da associação de pais, mas é não há muita gente interessada.

3ª Questão

Pela minha experiência não posso dizer que é pouca porque tenho sido feliz, tenho sido feliz na experiência que tenho tido com os meus filhos aqui em relação aos diretores de turma, à escola não tenho nada a dizer. Eu vejo agora é, quando tento chegar aos outros encarregados de educação às vezes até num simples e-mail que é enviado. Sou representante dos pais da turma da Glória, nos e-mails que nós enviamos para os outros encarregados de educação a dar informações das reuniões intercalares, não tenho absolutamente nenhuma resposta, nem os e-mails que se enviam a dizer que vai haver uma reunião intercalar tem alguma questão a colocar que nós podemos falar com os professores é totalmente ignorada, portanto no geral é isso que eu sinto na minha experiência pessoal. Na minha opinião há pouco envolvimento, há pouco querer por parte dos encarregados de educação e chegar ao que se passa na vida dos filhos na escola. No geral sim infelizmente não mas no geral é essa a ideia que eu tenho mas eu o que o que me parece e da minha experiência enquanto tento chegar aos outros pais AE é isso que eu que eu sinto por exemplo mas eu acho que ISTO vai piorando ao longo dos anos a experiência com a glória e com a Vitória foi totalmente oposto os pais até porque mesmo entre turmas e são 2 anos de diferença não é nada por aí além mas em 2 anos de diferença há uma grande diferença de atitude mesmo entre turma e entre encarregados de educação. Também sou representante dos pais do mais novo e a comunicação lá e a experiência é pior em relação à Glória. A Vitória foi claramente melhor foi melhor neste aspecto que os pais eram muito mais envolvidos com o que se passava na turma, com o que se passava nas avaliações talvez pela diferença de idade dos pais serem mais novos.

4ª Questão

O Ubuntu e a Loja Social. Na minha opinião, eu acho que a escola tem, como é que eu vou explicar isto, acho que esta escola sofre muitas vezes de preconceito do que merece. Eu acho que a escola faz um bom trabalho honestamente, mas também viemos de um contexto de pandemia que eu penso que possa ter influenciado, a decadência de informação e socialização, dos trabalhos, o ter que parar. Tivemos todos de parar e o retomar acarreta mudanças que a pandemia provocou no funcionamento e no

comportamento, como eu acho que isso teve impacto nas famílias. É mais um obstáculo de tantos outros que as escolas se deparam para poder chegar para poder fazer o tal trabalho de integração e de inclusão é um trabalho que se tornou muito mais difícil com a pandemia porque tornou-se mais difícil chegar aos miúdos pois nem sempre, é culpa dos encarregados de educação a pandemia também provocou muitas mudanças no seio familiar.

5ª Questão

Eu acho que existem, mas também acho que estão perfeitamente integradas. Não vejo isso com uma diferença negativa, vejo isso com uma diferença positiva porque noto nos meus filhos que não há qualquer preconceito. Noto isso mais na Glória, a facilidade de manifestação da integração e igualdade. Há muita multiculturalidade na escola sim, mas vejo isso como um ponto muito positivo. Se calhar é necessário cada vez mais a necessidade de haver projetos que trabalhem esta inclusão cultural. Verifico pela experiência de turmas dos meus 3 filhos que há claramente uma diferença grande entre principalmente o mais novo e a mais velha, ou seja os meus filhos mais novos estão inseridos em turmas onde existe maior interculturalidade.

Apêndice 12 B - Sinopse da entrevista a uma Encarregada de Educação e Presidente da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas D. João I

Categorias	Vozes	Interpretação
<p>Preocupações relativamente à educação dos seus educandos na escola;</p>	<p>“ [...] a minha preocupação é acima de tudo a integração deles porque acho que a escola é muito mais do que do que a avaliação das notas e tenho tido a experiência em relação a isso, mas se esses termos são muito gerais a minha preocupação é assim a nível de aprendizagem não tenho nada nada a dizer eles têm sido até agora não tenho nada a dizer em relação a aprendizagem.”</p>	<p>A Encarregada de Educação Mónica refere como principal preocupação na educação dos seus filhos a integração dos mesmos. No seu ponto de vista a aprendizagem não surge como um fator de preocupação.</p>
<p>Propostas para a melhoria da escola no sentido de um apoio mais próximo e inclusivo com os Encarregados de Educação;</p>	<p>“ [...] talvez uma maior divulgação da existência da associação de pais ou tentar marcar mais ações ou mais reuniões de encarregados de educação, mas também percebo que isso já foi feito e eles não aparecem, mas propostas não tenho nenhuma confesso. Acho que era importante esse</p>	<p>A Encarregada de Educação reforça a importância da escola promover mais a comunicação entre a escola e os Encarregados de Educação, no entanto reconhece que o procedimento não é fácil uma vez que sempre que existem tentativas não aparecem</p>

	<p>papel da escola promover muito mais a comunicação entre os pais e a própria escola já faz através da associação de pais, seria mais fácil, mas acho que muitos pais nem sequer sabem que existe uma associação de pais se calhar também é responsabilidade da associação de pais, mas é não há muita gente interessada.”</p>	<p>todos os EE. Deste modo, responsabiliza em parte, o papel da Associação de pais.</p>
<p>Opinião sobre a comunicação entre a escola e os pais;</p>	<p>“[...] Sou representante dos pais da turma da Glória, nos e-mails que nós enviamos para os outros encarregados de educação a dar informações das reuniões intercalares, não tenho absolutamente nenhuma resposta, nem os e-mails que se enviam a dizer que vai haver uma reunião intercalar tem alguma questão a colocar que nós podemos falar com os professores é totalmente ignorada, portanto no geral é isso que eu sinto na minha experiência pessoal. Na minha opinião há pouco envolvimento, há pouco querer por parte dos encarregados de</p>	<p>A Encarregada de Educação, destaca o seu papel enquanto representante dos Pais na turma da sua educanda e como presidente da Associação de Pais, onde evidencia as dificuldades em estabelecer e manter contactos com os restantes EE, no sentido em que as suas correspondências são frequentemente ignoradas. A Encarregada de Educação afirma haver pouco envolvimento por parte dos restantes EE.</p>

	educação e chegar ao que se passa na vida dos filhos na escola.	
Opinião sobre os projetos inclusivos implementados no Agrupamento de Escolas D. João I; especificar algum projeto em particular;	“O Ubuntu e a Loja Social.[...] Eu acho que a escola faz um bom trabalho honestamente, mas também viemos de um contexto de pandemia que eu penso que possa ter influenciado [...] É mais um obstáculo de tantos outros que as escolas se deparam para poder chegar para poder fazer o tal trabalho de integração e de inclusão é um trabalho que se tornou muito mais difícil com a pandemia porque tornou-se mais difícil chegar aos miúdos pois nem sempre, é culpa dos encarregados de educação a pandemia também provocou muitas mudanças no seio familiar.”	A Encarregada de Educação destaca a importância dos projetos: Clube Ubuntu e a Loja Social, como meios efetivos de integração e acolhimento na escola. A EE reforça a questão da pandemia, que trouxe vários obstáculos à questão social e de integração, após muito tempo isolados e as dificuldades sentidas sobretudo dentro das famílias.
Opinião sobre as diferenças culturais na escola.	“ [...] Há muita multiculturalidade na escola sim, mas vejo isso como um ponto muito positivo. Se calhar é necessário cada vez mais a necessidade de haver projetos que trabalhem esta inclusão cultural. Verifico pela experiência de turmas dos	A Encarregada de Educação destaca a multiculturalidade existente na escola como um factor positivos, tendo por base a experiência de inserção em turmas multiculturais dos respectivos três filhos, onde reforça ser visível uma maior

	meus 3 filhos que há claramente uma diferença grande entre principalmente o mais novo e a mais velha, ou seja, os meus filhos mais novos estão inseridos em turmas onde existe maior interculturalidade.”	interculturalidade nas turmas dos mais novos, sendo por isso uma realidade cada vez mais presente.
--	---	--

ANEXOS

Anexo 1 – Fotografias da atividade da Empatia



Imagem 1 - Dinâmica com os alunos, Semana da Empatia, Fonte do Investigador



Imagem 2 - Construção de uma árvore da empatia, Semana da Empatia, Fonte do Investigador



Imagem 3 - Dinâmica com os alunos, Semana da Empatia,
Fonte do Investigador